



Paulo Cardoso Arantes Vianna

**Da cor do povo: a construção de uma identidade popular
para o Clube de Regatas do Flamengo (1933-1938)**

Monografia apresentada à Graduação em
História da PUC-Rio como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em História.

Professor orientador:
Leonardo Affonso de Miranda Pereira

Rio de Janeiro
24 de junho de 2016

Agradecimentos

Este trabalho não teria sido possível sem a ajuda de algumas pessoas. Seja essa ajuda acadêmica, emocional, presencial ou espiritual. Percebi que mesmo nos momentos em que se parece sozinho, perdido, sempre há aquela pessoa que irá te estender a mão para que você se levante. Existem até mesmo as pessoas que, por te conhecerem de longa data, não irão deixa-lo cair. Por isso, agradeço a ajuda e o incentivo que meu pai, minha mãe e minha irmã, concederam à mim durante esses longos anos de curso. Agradeço a minha grande amiga, companheira e namorada Nina Nunes por ter ficado do meu lado esse tempo todo e por todo carinho e compreensão. Em especial, agradeço meu querido pai que sempre se disponibilizou para conversar sobre todos os tipos de coisas, inclusive história, e foi compreensivo em milhares de momentos.

Aos meus queridos amigos de 2010.1, meus irmãos e irmãs da história, agradeço por todos os conselhos, pela amizade, pelas cervejas, pelas festas, pelos debates no departamento, por terem me tornado o que sou. Renato Ferraz, Alessandro Ayres, Lívia Lima, Ibsen Caio, Fernanda Soares, Victória Roque, Carolina Cabral, Jéssicka Silva, Lille Formigli muito obrigado por fazerem minha faculdade uma das melhores experiências da minha vida. Aos amigos que fiz ao longo do curso, porém não menos importantes, agradeço pela troca de vivência e pela amizade: Igor Valamiel, Hélio Cannone, Pedro Fraga, Lucas Pedretti, Gustavo Simi, Alessandra Nzinga, Pedro Cipiniuk, Reinan Ramos, Carol Medeiros, Dani Souza, Ruberval Silva, Kamal Bretas, Beatriz Santos, James Gerald, André Guilherme. Meus queridos amigos do prédio e da escola, irmãos que a vida me deu, um agradecimento especial por me aturarem quase 20 anos: Danilo Amuedo, Guido Paes Leme, Victor Ponce, Helder Sabione, Weber Costa, Leonardo Figueiredo, Arthur Luna, João Kohn, Alvaro Gueiros, Yke Leon.

Nada disso teria sido possível sem grandes mestres. Agradeço a paciência e a confiança no meu trabalho do meu querido orientador Leonardo Pereira, no qual pude aprender imensamente com suas palavras. Agradeço também ao meu

mestre Ilmar Rohloff de Mattos que acreditou no meu potencial e me passou, além de muitos outros ensinamentos, o verdadeiro significado de ser professor. Aos queridos amigos do departamento, que sempre me auxiliaram em tudo que precisei, até mesmo quando precisava almoçar, me deixavam ficar na sala dos alunos, um enorme agradecimento: Claudio Santiago, Moisés Sant'Anna, Cleuza, Anair, Edna. Agradeço também a enorme ajuda que Daniel e Thainá Vallim do Clube de Regatas do Flamengo me deram. Sem eles esta monografia não teria sido possível.

Por fim, talvez aqueles a quem devo o motivo por ter escolhido o curso de História, meus grandes professores da escola, em especial para: André Boucinhas, André Diniz, Carlos Eduardo Fontoura Lima, Zé Carlos, mais conhecido como Zé da Ponte, Ricardo da Silva, mais conhecido como Saci. Muito obrigado.

Resumo:

Nos dias atuais o Clube de Regatas do Flamengo é conhecido por ser o time mais popular do Brasil, e conseqüentemente ter a maior torcida do país. Ainda que este caráter popular do clube possa parecer natural, no entanto, ela tem uma história – pois em suas primeiras décadas o Flamengo não se diferenciava do perfil de outros clubes da zona sul carioca, de forte e assumida marca e composição elitista. Foi somente a partir da década de 1930, quando o clube passou a ser representado nos campos por um time constituído por grandes astros negros do futebol da década de 1930, como Leônidas da Silva, Domingos da Guia e Fausto, que o Flamengo passaria a ser identificado como o clube representante do povo e da nação brasileira. Acompanhar e analisar o sentido deste processo é o objetivo desta monografia

Palavras Chave:

Flamengo – Futebol – Nação - Racismo

Sumário

Introdução	7
Capítulo 1: O profissionalismo em rubro-negro	14
Capítulo 2: Uma profissão em construção	29
Capítulo 3: Uma nação em formação	38
Capítulo 4: Preto, Vermelho, Verde e Amarelo	52
Conclusão	67
Bibliografia.....	69
Fontes	70

“Sabe que para ver a grandeza do Flamengo tem de ir é para as ruas, para os estádios. Então esse Flamengo múltiplo é um só. E quando tem um momento de glória mostra-se em toda a plenitude de sua força telúrica. Chega a assustar.”

Mario Rodrigues Filho

Introdução

Em 1945, ano do cinquentenário do Flamengo e um ano depois do famoso tricampeonato carioca conquistado pelo rubro-negro, Mario Rodrigues Filho lançava seu livro *Histórias do Flamengo*, com o deliberado propósito de homenagear o “campeão de terra e mar”. Na obra, composta por diversas crônicas baseadas em suas próprias recordações e em entrevistas feitas com personagens importantes na história do clube, o autor se perguntava “por que o Flamengo se tornou o clube mais amado do Brasil? Ou por que foi o Flamengo o escolhido, justamente o Flamengo e não outro?”. A resposta para tal questão não era simples, mas mesmo assim Mario Filho tentou demonstrar em seu livro os motivos pelo qual o Flamengo havia se tornado o “clube mais querido do Brasil”:

Talvez por causa da legenda ou da saga do Flamengo. Ou, quem sabe, porque o Flamengo se deixe amar à vontade, seja o mais fácil de se amar. Não impõe restrições a quem o ama. Aceita o amor do príncipe e do mendigo e se orgulha de um e de outro.¹

Ao explicar que o motivo de tal popularidade do Flamengo derivaria-se da aceitação da presença “do príncipe e do mendigo”, do rico e do pobre, da elite e das classes menos abastadas da sociedade, Mario Filho construía para o clube a imagem de um representante do povo, que abrigaria a todos em seu seio. Este seria o elemento diferencial do rubro-negro, que faria dele o “mais querido” dentre os clubes de futebol do Brasil.

Nas diversas histórias contadas no livro, que vão de sua fundação até os tempos mais próximos ao do lançamento do livro, seu autor trata assim de destacar, sempre que possível, a proximidade do Flamengo com “o povo”². Se tal imagem parece hoje em dia natural, à vista da enorme popularidade do clube atestada por recentes pesquisas de opinião³, àquela altura tratava-se, porém, de ideia recente. Até a década de 1930 o Flamengo, assim como os demais clubes

¹ RODRIGUES FILHO, Mario. *Histórias do Flamengo*. 4^o ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2014. p. 48.

² Idem, p. 41.

³ <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2014/08/pesquisa-fla-tem-maior-torcida-mas-corinthians-encurta-distancia.html>. Consultado em 24 de junho de 2016.

das divisões principais do Rio de Janeiro e de outras grandes cidades brasileiras, se apresentava como um clube extremamente elitista, composto por sócios e atletas da alta sociedade⁴. Por mais natural que possa parecer aos olhos de hoje a imagem do Flamengo como um clube popular, ela estava distante, desse modo, da forma pela qual o clube se apresentava em seus primeiros tempos.

Ao publicar sua obra em meados da década de 1940 Mario Filho tratava assim de consolidar uma nova marca para o clube, que viria a marcar a partir de então sua imagem. Não o fazia, porém, de forma casual. Amigo e leitor de Gilberto Freyre, que em 1933 havia mudado os rumos do pensamento social brasileiro com a publicação do livro *Casa Grande e Senzala*⁵ – cuja análise procurava demonstrar “as vantagens da mistura racial que estava na base da formação brasileira”⁶, invertendo a lógica de muitos intelectuais que olhavam para o negro e para os indígenas como uma herança negativa para os brasileiros –, Mario Filho parece ter tido nele uma referência importante para escrever suas *Histórias do Flamengo*. Ao abordar o processo de criação e o desenvolvimento de um clube capaz de englobar harmonicamente os diferentes setores da sociedade, fazia dele a imagem e semelhança da própria nação, reinventando as tradições rubro-negras de modo a aproxima-las de certas imagens que se afirmavam então para o sentimento nacional⁷. Para isso, o autor ressalta as histórias vividas dos times de futebol rubro-negros e sua importância para se chegar a popularidade então afirmada. Analisar este processo de forma mais ampla, de modo a entender o que permitia que Mario Filho afirmasse tal imagem em meados da década de 1940, é o objetivo desta monografia.

O desafio de pensar como um clube de futebol pode ser meio de pensar a constituição de certas imagens para a nação no período parte dos caminhos abertos em tempos relativamente recentes por alguns historiadores. Leonardo

⁴ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

⁵ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981 (1933).

⁶ Leonardo Pereira, op. cit, p. 332.

⁷ Bernardo Buarque de Hollanda desenvolve em seu livro uma análise um pouco mais aprofundada sobre a construção de uma ligação entre nação e Flamengo. HOLLANDA, Bernardo Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004. Sobre Mario Filho ver SOARES, Antônio Jorge. *História e invenção de tradições no campo de futebol*. Estudos Históricos, v.13, no. 23 (1999): 119-146.

Affonso de Miranda Pereira se preocupou em examinar, no livro *Footballmania*⁸, o processo de expansão do futebol no Rio de Janeiro desde o início do século XX até o final da década de 1930. No decorrer do livro, procura demonstrar como ocorreu a popularização do futebol, ressaltando uma conquista lenta e gradativa das associações operárias e dos pequenos clubes de futebol que se localizavam no subúrbio do Rio de Janeiro, tentando por meio do futebol identificar como foi se construindo a identidade nacional brasileira.

Para isso, o autor problematiza outra obra do jornalista Mario Filho: o livro *O negro no futebol brasileiro*, publicado em 1947, que se tornaria desde então a principal referência sobre a história do jogo no Brasil⁹. Na obra em questão Mario Filho divide sua história em três períodos: no primeiro, do surgimento do futebol no Brasil até os anos de 1910, o futebol seria um jogo de elite, praticado apenas por jovens que se associavam aos principais clubes da cidade; no segundo, que iria de meados dos anos de 1910 até o final da década de 1920, seria o momento em que outras classes sociais entrariam em contato com o esporte, sendo marcado pela repressão e exclusão de negros e pobres; o terceiro e último momento seria onde haveria a aceitação dos negros e dos pobres nos gramados, este momento ficaria conhecido como “ascensão social do negro”, termo utilizado pelo próprio autor. Afirma, assim, a ideia de que a aceitação dos negros nos campos teria se dado de forma linear e sem muitos problemas, promovendo de forma democrática a ascensão social dos negros no esporte e na sociedade brasileira. Ao analisar a obra, no entanto, Pereira mostra que Mario Filho não levava em conta “outras possibilidades de percepção desse processo por parte daqueles que eram alvos dessa exclusão”¹⁰. Por isso, tenta mostrar em seu livro como foi possível essa construção de uma prática que era apropriada por sujeitos tão diferentes a uma “imagem unívoca, que resultaria na transformação definitiva do ‘*foot-ball*’ no abasileirado ‘futebol’”¹¹.

É por isso que, no capítulo final de seu livro, levanta a hipótese de que a popularidade do Flamengo teria sido construída a partir de uma questão racial,

⁸ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

⁹ Mario Filho. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

¹⁰ Leonardo Pereira, op. cit. p. 15.

¹¹ Leonardo Pereira, op. cit. p. 17.

viabilizada pelo profissionalismo. Apresentando o Flamengo como um clube fechado, elitista e amador ao longo das décadas de 1910 e 1920, mostra como apenas nos anos de 1930, com a profissionalização do futebol brasileiro, o Flamengo assistiria um fenômeno de popularização e de massificação não só local, como nacional. Antes os negros e os operários não eram regularmente aceitos em clubes de futebol, porém, com o profissionalismo, ocorreria uma alteração nessa relação entre negros e operários e os clubes. Por isso, um dos pontos importantes ressaltados pelo autor foi a contratação em 1936, pelo Flamengo, de jogadores como Leônidas da Silva, Domingos da Guia e Fausto – que seriam cruciais para a projeção nacional do clube. Vale lembrar que estes jogadores eram negros e fizeram parte do selecionado de 1938 para jogar a Copa do Mundo. Ao fazer isso, o autor define aquele time como um marco a ser investigado, dada sua ligação com o processo de popularização do clube e do próprio jogo.

Tendo uma grande influência de Leonardo Pereira, *O descobrimento do futebol*, de Bernardo Buarque de Hollanda, se apresenta por um viés diferente. Ainda que o autor de *Footballmania* também tivesse usado a literatura como uma de suas fontes, Bernardo Buarque de Hollanda opta por seguir um caminho mais específico. Usando algumas das mais de mil e quatrocentas crônicas escritas por José Lins do Rego, entre outras obras, o autor tem como seu cerne mostrar que a incorporação do futebol ao projeto de construção de um Brasil moderno a partir da década de 1930 pode ser identificada nos romances, nas crônicas e nos ensaios de José Lins. Considerada como o “veículo predileto” do romancista para entrar em contato com o cotidiano da vida dos cariocas e do brasileiro, a crônica proporcionava aos escritores modernistas “a realização de um dos mais altos ideais de sua geração: a liberdade de expressão, a simplicidade estilística e a possibilidade de comunicação com estratos mais amplos da população”. Para explicar como essa relação modernista entre o futebol e a identidade brasileira adquire especificidade em José Lins do Rego, tendo em vista que “os clubes eram responsáveis (...) por estimular tanto o lazer quanto o projeto de modernidade educacional”¹² e que “seriam vistos, por escritores e jornalistas, como unidades autônomas que reencarnariam as configurações simbólicas relacionadas a

¹² Bernardo Buarque de Hollanda, op. cit. p. 194.

nação”¹³, a análise recai no discurso sobre o Clube de Regatas do Flamengo e o seu suposto caráter nacional, “cristalizado através de um desenvolvimento histórico homólogo à trajetória do próprio futebol brasileiro.”

Não é de se estranhar, por isso, que a análise se volte em certo momento para o tratamento dado pelo autor a jogadores como Leônidas da Silva, considerado um dos melhores jogadores do Brasil. José Lins do Rego escreve sobre sua importância para a transferência do prestígio nacional para o Flamengo – sendo por isso considerado pelo autor como figura fundamental na sua adesão tanto no futebol quanto ao Flamengo. O autor de *Fogo Morto* vai se dedicar à comprovação e reafirmação, em suas crônicas, dessa popularidade do Flamengo. Para o cronista, no momento em que completava seus cinquenta anos, “o Flamengo já trazia consigo os mesmos caracteres da identidade brasileira, entronizando aquela síntese e aquele caldeamento das diferenças – sociais e econômicas, políticas e culturais – próprias do país”¹⁴. Contendo a suposta brasilidade devido ao seu grande crescimento na década de 1930, o Flamengo incorporava as ideias de tradição, patrimônio e de instituição nacional, tendo a capacidade de reunir a diversidade da nação, formando aquilo que o cronista chamaria de “comunidade democrática”¹⁵.

Por último, porém não menos importante, vemos um autor que está ligado diretamente ao tema da construção da popularidade do Flamengo. Renato Soares Coutinho, autor de *Um Flamengo grande, um Brasil maior*¹⁶, defende que a diretoria teria se aproveitado das condições e das transformações sociais que estavam ocorrendo na década de 1930 e que teria se apropriado do discurso nacionalista estatal presente naquela época para atribuir ao Flamengo estas características de um clube do povo. Contudo, isto só teria dado certo pois o profissionalismo do futebol guardaria seu lugar de importância para esse processo. A profissionalização do futebol ocorreu em convergência com o processo de popularização da instituição rubro-negra “e foi a transformação das bases

¹³ Bernardo Buarque de Hollanda, op. cit. p. 197.

¹⁴ Idem, p. 217.

¹⁵ Idem, p. 218.

¹⁶ COUTINHO, Renato Soares. *Um Flamengo grande, um Brasil maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955)*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2014.

simbólicas da instituição ocorrida nos anos de 1930 que forjou a memória popular do clube”¹⁷.

Seguindo as pistas de Leonardo Pereira e observando os passos dos jogadores do Clube de Regatas do Flamengo, pude constatar em minha pesquisa que, apesar de modernistas como José Lins do Rego e de uma diretoria forte como a de Padilha terem ajudado na construção da identidade popular-nacional do clube, os próprios jogadores do clube – dentre eles atletas populares como Leônidas da Silva, Domingos da Guia e Fausto, todos eles afrodescendentes – foram os atores principais da popularização do clube rubro-negro. Entendendo o futebol como um campo de disputas e de interesses, onde grupos sociais diversos e desiguais se enfrentam e estão em constante conflito e negociações, me proponho assim a pensar o papel desses e de outros jogadores do Flamengo no processo de afirmação de uma imagem popular para o clube ao longo da década de 1930.

Para dar conta desse desafio, a presente monografia se divide em quatro capítulos. O primeiro se dedica ao debate entre profissionalistas e amadoristas. Se até o ano de 1933 o futebol era tido no Brasil como um esporte amador, alguns jogadores já recebiam dinheiro para jogar, na forma dos chamados “bichos”. Com o intuito de legalizar uma prática que já havia se tornado comum no meio futebolístico, muitos passam a promover um grande debate nos clubes e na imprensa sobre a necessidade de uma efetiva profissionalização do jogo. Neste capítulo, tento mostrar como esse debate, dentro e fora do Flamengo, e a adesão do clube rubro-negro ao regime profissional, permitiram um maior acesso de jogadores negros ao clube. Indo contra a idéia de Renato Coutinho de que Padilha e sua diretoria teriam esperado o momento certo para aceitar o novo regime, procuro demonstrar que existiam outras vozes que pressionavam a diretoria a tomar tal decisão, dando ênfase na voz dos próprios jogadores e no constante conflito entre eles e a diretoria.

O segundo capítulo trata das disputas entre jogadores e diretores em torno da tentativa de definição das formas e sentidos do regime profissional. No decorrer do capítulo, apresento alguns momentos em que batalhas são travadas

¹⁷ Idem.

dentro desse novo campo que se abria no futebol carioca. Enquanto os diretores do clube olhavam para o profissionalismo como uma forma de aproveitar para exigir mais de seus empregados – no caso, os jogadores – os atletas enfrentavam mais uma nova etapa de conflitos para conquistar seus devidos direitos, mostrando que o profissionalismo estaria longe de acabar com as disputas de interesses.

Já o terceiro capítulo se preocupa em demonstrar como a diretoria passou a observar o esporte, e fundamentalmente o futebol, não apenas como uma grande fonte de lucro, mas também como um elemento determinante para o progresso da nação. Influenciado pelos projetos de intelectuais e do próprio governo de Getúlio Vargas de que o esporte seria a chave para a construção de um Brasil novo, a diretoria começa a associar o nome do Flamengo com o do Brasil, investindo maciçamente em diferentes seções esportivas. Apesar disso, frente à importância crescente do futebol e do valor da torcida no regime profissional, o futebol vai se tornar definitivamente o carro chefe do clube, recebendo os melhores jogadores brasileiros da época e aquele que era visto como o melhor técnico do mundo.

Por fim, o quarto e último capítulo explica como os jogadores, vinculados às “ações de marketing”¹⁸ utilizadas pela diretoria do clube com o intuito de associar o nome do Flamengo ao do Brasil, tornaram aquele clube elitista em um clube representante do povo e da nação brasileira. A identidade popular do Flamengo foi criada justamente no período em que um novo projeto de identidade nacional estava aparecendo. Não por acaso, naquele momento autores como Gilberto Freyre passavam a associar a jogadores como Leônidas da Silva e Domingos da Guia o jeito brasileiro de jogar bola, articulando uma nova identidade nacional que fazia desses jogadores negros os representantes da brasilidade e da nação. Aliados às ações de marketing da diretoria, os jogadores negros do Flamengo, que iriam ser eternizados na Copa do Mundo de 1938, passavam assim a representar o povo dentro de campo, criando o vínculo necessário para a construção de uma identidade popular rubro-negra.

¹⁸ Termo utilizado por Coutinho. Renato Coutinho, op. cit.

Capítulo 1 - O profissionalismo em rubro-negro

O ano de 1933 começou muito movimentado. O Brasil atravessava uma grande instabilidade política onde diversos grupos tentavam alcançar o poder, sem contar com a crise econômica causada pela queda da Bolsa de Nova York que ainda abalava as estruturas do país. No ano anterior, em 1932, estourou a chamada Revolução Constitucionalista, que tinha como seu protagonista o estado de São Paulo. Insatisfeitos com as medidas tomadas por Vargas os paulistas apontaram suas armas contra o governo provocando uma guerra civil. Entretanto, Vargas soube lidar com a situação e repeliu o movimento paulista.¹⁹

Com estes acontecimentos já poderíamos caracterizar o início de 1933 como um início desequilibrador. Porém, não era apenas no campo da política que existiam interesses de mudanças. No futebol, um debate que já estava sendo carregado desde o início da década de 1930, ganhou contornos significativos e foi impulsionado pela liderança de clubes como o Fluminense e o América.²⁰ A questão central desse debate era a profissionalização do futebol, isto porque, ainda nessa época, o futebol era de cunho amador. Sendo assim, se estabeleceu um grande debate sobre o que era ou o que deveria ser o futebol, de forma que a imprensa, que já era um dos principais meios de comunicação, acabou se tornando um grande palco da disputa entre amadoristas e profissionais.

Na primeira página do *Jornal do Sports* do dia 6 de janeiro de 1933 já era possível captar qual seria o lado adotado pelo periódico nesta disputa. Apontando para o profissionalismo como algo que viria para dar “uma boa lição a certos amadores desregrados”, a matéria demonstra uma característica que permearia todo debate entre amadoristas e profissionais: a questão moral. Ao contrário dos amadores que “pelo fato de não receberem o dinheiro às claras” se julgavam no “direito de cair na ‘farra’ até pela madrugada na véspera dos jogos oficiais”, os profissionais teriam um comportamento exemplar, “nem cigarros, nem bebidas, vida diária tranquila e ordenada e somente aos domingos de noite podem ficar a

¹⁹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Brasil: um biografia*. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

²⁰ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

vontade nas ruas”.²¹ O escritor toca em um assunto muito debatido na época: o “bicho”, como era chamado o dinheiro recebido pelos jogadores de forma escondida devido ao futebol ser um esporte amador, fazia parte da lista de críticas ao amadorismo. Desta forma, ao exaltar o profissionalismo como um movimento disciplinador e que acabaria com a farsa do “bicho”, o jornalista expressava claramente o caráter moral defendido pelos profissionalistas.

No entanto, existiam outros jornais e jornalistas que apresentavam opiniões diferentes sobre o assunto. Era o caso do *Jornal do Brasil*, que enxergava o profissionalismo como uma praga e abafava qualquer tipo de progresso:

Apesar das ultimas notícias publicadas sobre o aumento da pequena corrente que pretende à viva força abastardar os fins para que se fundaram os grandes clubes desta capital, estamos informados de que essa corrente longe de aumentar, adquire maior número de combatentes... Para felicidade do *football* carioca terrível praga não deixará raízes em nosso meio.²²

Com o objetivo de acalmar os seus leitores de um aumento nas fileiras profissionalistas, a matéria traz consigo muito mais do que uma tentativa de diminuir tal movimento. Mostra o verdadeiro sentido pelo qual os amadoristas temiam tanto o profissionalismo. Ao indicar que esta era “uma pequena corrente que pretende à viva força abastardar os fins para que se fundaram os grandes clubes desta capital”, a notícia revela o traço conservador encontrado nos discursos amadoristas, colocando a tradição elitista do futebol carioca em um patamar intocável, sendo aqueles que tentavam muda-la intitulados de traidores, imorais. Na fala de um leitor do *Correio da Manhã* se tornava mais clara a defesa da tradição elitista do esporte. A carta endereçada ao jornal por Homero Santos, pretendia

(...) em nome da verdadeira acepção do ‘amadorismo’, em nome dos altos interesses do *association* brasileiro e do entusiasmo sadio e forte que anima a nossa raça de atletas *sportmen*, lançar o seu grito de protesto contra o golpe que os contratantes de aptidões alheias pretendem desfechar sobre a vida honesta e gloriosa da grande maioria dos nossos clubes, em favor de uma ideologia louca de uma Liga de profissionais.²³

Caracterizando o profissionalismo como um “golpe”, Homero, com apenas uma palavra, tirava a legitimidade do movimento e trazia para o seu lado a tão

²¹ “Uma boa lição a certos amadores desregrados”, *Jornal dos Sports*, 6 de Janeiro de 1933.

²² “A praga do profissionalismo no football carioca”, *Jornal do Brasil*, 11 de Janeiro de 1933.

²³ “O profissionalismo no protesto de um leitor”, *Correio da Manhã*, 26 de Janeiro de 1933.

disputada questão moral, que seria abordada com mais evidencia no final de seu texto. Para defender o amadorismo, deu o exemplo da Argentina, criticando-a por ter adotado o regime profissionalista, dizendo que este teria causado “o êxodo dos seus cracks para os mercados estrangeiros que mais pagaram”, sem contar com “o recuo de grande parte de seus jogadores que preferiram à escravidão de um contrato vergonhoso, ao livre ingresso nos salões da sociedade”²⁴. Neste sentido, Homero Santos mostrava sua opinião sobre o profissionalismo: para ele, a adoção de tal regime seria o fim da liberdade do jogador, o que o leva a definir o profissionalismo como uma “escravidão” exercida através de “um contrato vergonhoso”. O autor da carta olhava para o futebol “como *sport*, porque é *sport*”, mas deixava de lado que muitos jogadores tiravam seu sustento do futebol. O futebol havia se transformado ao longo dos anos, de um esporte praticado pela alta sociedade por puro prazer em um meio de sobrevivência para pessoas vindas de outras classes sociais, e era a legalização dessa mudança que estava em jogo. No final do seu texto, o autor reforça o seu argumento trazendo para si, e para o amadorismo, a questão da moralidade:

Atiram-vos a pecha injuriosa de profissionais mascarados: abraçam-se os pugnadores pelo profissionalismo a um único argumento: moralização do sport. Processo interessante de moralizar, desmoralizando os seus praticantes!!!²⁵

Outra carta enviada por um leitor, Anysio de Sá, desta vez ao *Jornal dos Sports*, mostrava que as opiniões divergiam mesmo dentre os defensores de um mesmo regime – pois tanto amadoristas, como profissionalistas apresentavam formas diversas de defender suas posições:

Nosso público de uma sensibilidade muito própria do brasileiro, acha chocante que o jogador de *football* possa viver de dar na bola. Este fato é, no entanto, devido a serem quase todos nossos jogadores pessoas de destaque, pessoas de nossa sociedade, filhos de famílias, como é de habito se dizer. O profissionalismo vem modificar esta elegância, mas tem em si mais virtudes que a compensam. O *football* nas escolas despreocupa a inteligência e fica na mente como um elemento subjetivo, por isto o amador é quase sempre um empregado abstrato, logo, não muito bom. O *football* nas escolas deveria ser proibido, porque, via de regra, os alunos que o praticam, são maus estudantes, sua atenção é por ele absorvida. O profissionalismo adquire o domínio dos mesmos, mesmo, porque, sua esfera de ação é adstrita.²⁶

²⁴ Idem.

²⁵ Idem.

²⁶ “O football profissional”, *Jornal dos Sports*, 11 de Janeiro de 1933.

Apesar de defender o profissionalismo, Anysio de Sá demonstra em seu argumento um caráter separatório, onde ambos os lados tomariam seus respectivos lugares. Atribuindo ao público uma visão “chocante” sobre o fato de jogadores de futebol poderem tornar oficialmente seus esforços em trabalho digno e, definitivamente, “viver da bola”, o autor do texto, ao descrever o motivo pelo qual este público se choca, deixa de lado o fato de que uma grande parte dos jogadores era oriunda de classes mais pobres. Talvez Anysio de Sá estivesse se referindo aos clubes de mais prestígio, como Flamengo, Botafogo e Fluminense, que se constituíam, em sua maioria, por “pessoas de destaque, pessoas de nossa sociedade, filhos de famílias”²⁷, naturalizando o caráter elitista no futebol. Como lembra o jogador Flavio Costa em uma de suas entrevistas concedidas ao Museu de Imagem e Som, os jogadores desses clubes “geralmente eram estudantes”²⁸. Porém, segundo Anysio, o profissionalismo viria modificar essa “elegância” de se ter a maioria de jogadores “filhos de família”. Para ele, no entanto, o profissionalismo teria mais vantagens que desvantagens. Apontando para o futebol como um perigo para a escola, onde ele só causaria desvio de atenção, o autor vê no profissionalismo a oportunidade de separar as “pessoas de destaque” dos outros jogadores, fazendo do futebol uma atividade apenas de pessoas mais pobres.

Outros críticos do regime profissional chamavam a atenção para a dimensão econômica da questão, dizendo ser impossível aderir ao profissionalismo devido à situação financeira dos clubes. Para os jornalistas do *Correio da Manhã* o profissionalismo seria um modelo muito caro para se sustentar, exigindo um poder financeiro que os clubes cariocas ainda não tinham:

Temos lido diversas vezes nas raras colunas esportivas, que defendem essa ideia nefasta da mercantilização do nosso *football*, que agora (agora, quando?) o profissionalismo vem mesmo, porque a tal comissão dos três já terminou os seus trabalhos... É um engano! O profissionalismo no *football* do Rio não depende de leis, mas do estado ambiente e principalmente da situação financeira dos clubes²⁹.

Logo no início do texto é possível perceber, mais uma vez, o caráter moralizador do discurso dos amadoristas. A “ideia nefasta da mercantilização do

²⁷ Idem.

²⁸ *Museu de Imagem e Som do Rio de Janeiro*. Depoimentos para a posteridade – Flavio Costa (06 de setembro de 1976).

²⁹ “O profissionalismo entre nós não depende de leis”, *Correio da Manhã*, 7 de Janeiro de 1933.

nosso *football*” resume a posição conservadora adotada por aqueles que não queriam transformar o futebol, que um dia tinha sido um esporte praticado apenas pelo prazer, em um esporte profissional, que se transformava legalmente em uma alternativa de trabalho para as pessoas oriundas de classes mais baixas da sociedade.³⁰ Na continuação do texto, o autor insistiu no argumento de que “o êxito da idéia não depende da regulamentação, códigos e condições, mas da situação de fato, dos clubes, que não podem arcar com as responsabilidades de novos encargos financeiros sem a mais leve compensação em suas rendas.”³¹ Por fim, aos olhos do escritor:

O profissionalismo continua sendo, entre nós, uma simples questão de aritmética e dentro das equações que o cálculo mais otimista permite, ao mais que se poderia chegar, seria à implantação de um profissionalismo barato e ridículo – nesse caso – ruinoso para o *football*.³²

O argumento financeiro utilizado pelos amadoristas do *Correio da Manhã* seria rebatido um mês depois pelo *Jornal dos Sports*, quando contra-atacava uma matéria publicada pelo *Jornal do Brasil* que afirmava que “a força do *football* está com o amadorismo”.³³ Através de uma tabela bem elaborada, a matéria mostrava de duas formas distintas as rendas dos clubes que saíram da AMEA, entidade amadora, para fundar a nova instituição profissionalista, a Liga Carioca de Football (LCF): a primeira era formada a partir da renda dos jogos entre os times profissionalistas, Fluminense, Vasco, Bangu e América; a segunda mostrava a soma das rendas dos jogos dos times profissionalistas com os que ficaram na AMEA. Dessa forma, a matéria indicava que apenas os 4 times que haviam se tornado profissionais tinham uma renda muito menor se comparada com os times da AMEA. Porém, o que o jornalista Argemiro Bulcão chama atenção em sua matéria no *Jornal dos Sports* é que a renda produzida apenas entre os 8 clubes

³⁰ Leonardo Pereira mostra em seu livro *Footballmania* que este processo se deu ao longo das décadas de 1910 e 1920. Se por um lado o futebol estava se transformando em uma possibilidade de ganhar dinheiro para esses jogadores vindos das camadas mais pobres da sociedade, por outro lado o futebol havia se tornado com os anos em “uma importante renda para os clubes”. O que acontece em 1933 é um desdobramento daquilo que já acontecia há algum tempo, provocando o grande debate em torno do profissionalismo. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Riode Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 309.

³¹ “A praga do profissionalismo no football carioca”, *Jornal do Brasil*, 11 de Janeiro de 1933.

³² *Idem*.

³³ “O amadorismo ainda é a grande força do sport em nossa capital”, *Jornal do Brasil*, 18 de Fevereiro de 1933

amadores era um pouco maior do que a renda produzida pelos 4 clubes que haviam se tornado profissionais:

Do exposto que é o que se contem no relatório da AMEA e para o que desafiamos contestação, conclui-se que para a renda de 762:507\$119, total a que atingiu a receita do Campeonato Carioca de Football de 1932, os clubes amadoristas produziram, apenas, com os jogos realizados entre eles, 193:321\$610, isto é: oito clubs reunidos produziram pouco mais do que produziu a participação de cada um dos quatro profissionais. Penso que basta.³⁴

Esse debate se estendeu durante muito tempo, e não ficou restrito à imprensa, afinal, os grandes atores deste espetáculo, os clubes de futebol, discutiram bastante internamente antes de darem uma posição aberta. Foi o caso do Clube de Regatas do Flamengo, que no dia 11 de janeiro de 1933 havia escolhido para presidir o clube o senhor Paschoal Segreto Sobrinho, personalidade que se dizia a favor do profissionalismo.³⁵ O Flamengo atravessava um período de crise financeira, não ganhava um campeonato desde 1927 e havia perdido no ano anterior o campo da Rua Paysandu, onde jogava e treinava. Todos esses problemas se voltaram para o grande debate entre amadoristas e profissionais, e a questão central a ser resolvida se tornou: qual regime teria a capacidade para tirar o Flamengo desta crise?³⁶

Para resolver a questão, no dia 19 de janeiro foi convocada uma reunião do Conselho Deliberativo para discutir qual regime o Flamengo deveria adotar. No dia seguinte veio a confirmação nas páginas do *Jornal dos Sports* de que o Flamengo havia repellido a idéia do profissionalismo. Entretanto, mesmo tendo escolhido continuar na AMEA, as opiniões se mostravam muito distintas dentro do clube. O conselheiro João Figueira mostrou sua posição contrária à decisão do conselho, mostrando preferir “o jogador profissional honesto ao que, mesmo sendo amador recebe gorjetas as escondidas”.³⁷ Dois dias após a reunião do

³⁴ “A implantação do profissionalismo pelo aspecto financeiro”, *Jornal do Sports*, 19 de Fevereiro de 1933.

³⁵ “Eleita a diretoria do Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 11 de Janeiro de 1933, Segreto Sobrinho em várias entrevistas concedidas ao *Jornal dos Sports* se colocava a favor do profissionalismo. “O profissionalismo”, *Jornal dos Sports*, 10 de Janeiro de 1933.

³⁶ O historiador Renato Soares Coutinho fala brevemente sobre a crise do Flamengo no início de 1933 e entende o processo pelo qual o Flamengo atravessava como uma redefinição do perfil institucional do clube. O Flamengo procurava debater a necessidade de uma modernização do clube. COUTINHO, Renato Soares. *Um Flamengo grande, um Brasil maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

³⁷ “Flamengo repelle a adoção do profissionalismo”, *Jornal dos Sports*, 20 de Janeiro de 1933.

Conselho Deliberativo ter repellido a adesão do clube ao profissionalismo, o presidente Segreto Sobrinho renunciou³⁸. Ou seja, dentro do clube não existia uma posição única.

Apesar de tais divergências, a decisão da diretoria do Flamengo em favor do regime amador foi recebida com alegria nas páginas do *Correio da Manhã*:

Essa reunião forneceu uma das mais brilhantes páginas para a história do clube rubro-negro. A repulsa à triste idéia de ser criada a ‘Liga’ de profissionais do *football* foi geral. A maioria dos conselheiros presentes chegou mesmo a pedir que tal assunto não fosse discutido – o C.R. do Flamengo tem tradições e um nome a zelar e a discussão de um assunto dessa natureza poderia macular seu nome puro e o seu passado de glórias.³⁹

Engrandecendo a decisão do clube pela “repulsa” ao profissionalismo, o escritor acaba omitindo certos posicionamentos que se mostravam nitidamente contra a permanência do Flamengo no amadorismo, como foi o caso do conselheiro João Figueira, dando a entender que a decisão tomada pelo conselho teria sido unânime. O argumento utilizado pelo jornal, de que o Flamengo teria “uma tradição e um nome a zelar”, iria encontrar forças e legitimidade na proposta feita pelo conselheiro Edgar Vasconcellos e aprovada pelo Conselho Deliberativo, de que:

O Conselho Deliberativo do C.R. do Flamengo, resolve repelir a adesão do clube à mercantilização do esporte, projetada com a implantação do profissionalismo no *football*, por ser tal iniciativa atentatória à tradição e alta finalidade esportiva do Club de Regatas do Flamengo.⁴⁰

Se tornava mais clara a intenção do conselho ao se manter no lado dos amadoristas. Com o medo de mudar a “finalidade” do esporte e perder o seu caráter moral com a sua “mercantilização”, o Flamengo usava como motivo central a permanência de sua tradição, mesmo argumento utilizado pelo Botafogo, o que mostrava um movimento conservador que não pertencia apenas ao clube rubro-negro.⁴¹

³⁸ Em entrevista para o *Jornal dos Sports*, Segreto fala que o motivo de sua renúncia seria pela “situação embaraçosa criada pela vossa última decisão contra o profissionalismo honesto”. “Paschoal Segreto Sobrinho renunciou à presidência do Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 24 de Janeiro de 1933.

³⁹ “A reunião do C.D. do C.R. do Flamengo”, *Correio da Manhã*, 21 de Janeiro de 1933.

⁴⁰ “O Conselho Deliberativo do C.R. do Flamengo repelle o profissionalismo, sob grandes aclamações”, *Jornal do Brasil*, 1933.

⁴¹ “Questão de tradição”, *Jornal dos Sports*, 21 de Janeiro de 1933.

Frente às opiniões contrárias à decisão tomada pelo Conselho Deliberativo, no entanto, o debate estava longe de ter um fim. Logo que Segreto Sobrinho renunciou à presidência muitos apareceram na imprensa para dar novamente sua opinião sobre o assunto. Seu irmão, Luiz Segreto, disse em uma entrevista que pensava exatamente como Paschoal: “ou o amadorismo puro, sem ‘bicho’ e sem ‘condução’, ou o profissionalismo honesto, que não humilha e é absolutamente digno.”⁴² Pindaro, jogador veterano do Flamengo, seguia o mesmo caminho: “desde que não é possível um amadorismo perfeito, é preferível o profissionalismo que torna honestas as remunerações concedidas sob vários pretextos e já consideradas inevitáveis.”⁴³ Ambos os argumentos defendiam a mesma tese, de que o futebol teria se transformado de tal forma que não seria mais possível continuar no amadorismo, e o que estava em jogo era a moralidade do futebol, pelo fato dos jogadores já serem remunerados as escondidas com o famoso “bicho”.

Além de Pindaro, outros jogadores chegaram a falar sobre a questão do profissionalismo. Rubens, capitão do time, disse que sua opinião pessoal era “favorável ao profissionalismo” e que não se envergonharia de jogar no time do Flamengo como profissional, pois, aos olhos do jogador, este era “um meio de vida honesto e limpo como outro qualquer.”⁴⁴ No entanto, quando foi falar em nome dos jogadores, alguns dias antes, na reunião do Conselho Deliberativo que iria decidir sobre o futuro do futebol no Flamengo, fez questão de dizer que “deixava o caso para ser deliberado pelo conselho, ele, como seus companheiros, se conformavam com qualquer solução”⁴⁵, o que, de certa forma, não condizia com a opinião geral. Flavio Costa, que estava no Flamengo desde 1925, se queixava ao *Jornal dos Sports* dizendo que “o clube não escutou os jogadores”.⁴⁶ Também criticava a decisão do conselho de ter rejeitado o profissionalismo pelo aspecto financeiro “apenas por uma questão de ponto de vista”⁴⁷, pedindo para que o Flamengo tivesse mais serenidade e estudasse a questão a fundo.

⁴² “Mais uma voz”, *Jornal dos Sports*, 21 de Janeiro de 1933.

⁴³ “Confirmado um ponto de vista”, *Jornal dos Sports*, 26 de Janeiro de 1933.

⁴⁴ “Se eu chegar a profissional não me envergonharei”, *Jornal dos Sports*, 25 de Janeiro de 1933.

⁴⁵ “Flamengo repelle a adoção do profissionalismo”, *Jornal dos Sports*, 20 de Janeiro de 1933.

⁴⁶ “O Flamengo precisa estudar a questão com serenidade”, *Jornal dos Sports*, 28 de Janeiro de 1933.

⁴⁷ *Idem*.

O nível de tensão aumentava cada vez mais e era preciso decidir qual seria a nova diretoria, afinal, Segreto Sobrinho havia renunciado e o Flamengo não podia ficar sem um presidente. No dia 4 de fevereiro, José Bastos Padilha foi eleito o novo presidente do Flamengo com 110 de 112 votos, uma marca impressionante.⁴⁸ Padilha entrou como um representante do amadorismo e a sua vitória avassaladora indica o quão forte era esse grupo dentro do clube.

Os amadoristas tinham ganhado uma importante batalha e a nova diretoria representava oficialmente os valores e a tradição flamenga. Porém, a guerra entre amadoristas e profissionalistas perdurava. Nos primeiros meses de seu novo mandato, muito se criticou e debateu, ainda sobre o regime a ser adotado, dentro e fora do clube rubro-negro. Um dos motivos para isso seria, como explica Renato Coutinho, que a escolha que a diretoria faria em adotar o profissionalismo ou o amadorismo, seria escolher quais os seus aliados políticos capazes de livrar o Flamengo da crise financeira: do lado profissionalista o Vasco, o Fluminense e o América; do lado amadorista, Botafogo e São Christovão. Com um novo regime, novas lideranças aparecem e a escolha vira um jogo cada vez mais complexo. Vale ressaltar que a Liga Carioca de Futebol, criada no dia 23 de janeiro de 1933 e defensora do regime profissionalista, não era reconhecida pela Confederação Brasileira de Desportos, pois esta só reconhecia entidades amadoras.⁴⁹

Derrotados no Conselho Deliberativo, os profissionalistas rubro-negros não desistiriam tão facilmente. Algumas semanas após a decisão pelo amadorismo, os profissionalistas atacavam com uma alternativa: criar um novo Flamengo. Este novo clube seria “dedicado especialmente à prática do *football* profissional” e os jogadores seriam “acionistas da empresa, com direito aos lucros”. Com o “apoio de quase totalidade dos jogadores do campeão de terra e mar” o clube seria formado por um número reduzido de “sócios empresários”, que entrariam com determinada quantia para a formação do capital social.⁵⁰

Infelizmente, para os seus idealizadores, o projeto de um novo Flamengo não foi pra frente, mas mostrou que a pressão só iria aumentar. Em março de

⁴⁸ “Foram eleitos novos diretores para o Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 4 de Fevereiro de 1933.

⁴⁹ COUTINHO, Renato Soares. *Um Flamengo grande, um Brasil maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

⁵⁰ “Um Flamengo para o *football* profissional”, *Jornal dos Sports*, 9 de Fevereiro de 1933.

1933, a excursão do time para o Uruguai e para a Argentina, países que já haviam profissionalizado o futebol, veio em um momento de desestabilização do clube e foi utilizada por parte da imprensa para defender o profissionalismo. As derrotas sofridas pelo time brasileiro no exterior foram relacionadas ao novo regime, invalidando o argumento amadorista de que o “profissionalismo traz o declínio da técnica do *football*, que acarreta uma diminuição sensível de eficiência dos quadros”⁵¹. Após o retorno do time ao Brasil, o *Jornal dos Sports* mostrava as impressões que os jogadores do Flamengo tiveram sobre o profissionalismo. Flávio mostrou, mais uma vez, simpatia pelo novo regime:

“Não adianta tapear. O profissionalismo, tanto no Uruguai, como na Argentina já venceu e está dando resultados, a calcular pelas somas dispendidas, sem esforço para a aquisição de jogadores.”⁵²

Apesar da viagem ter sido ruim no aspecto financeiro, o Flamengo conseguiu fixar uma boa imagem no exterior, principalmente com seus jogadores: Gradin, Bibi e Canale foram muito assediados pelos clubes estrangeiros. Outros jogadores também chegaram a receber ofertas para jogar no exterior, como foi o caso de Fernandinho, goleiro do Flamengo de apenas 19 anos, e que não aceitou pois sua mãe não havia autorizado. O motivo era simples: Fernandinho era muito novo e tinha acabado de entrar para a faculdade de medicina.⁵³

Ao chegar em terras brasileiras, os jogadores do Flamengo se depararam com uma proposta feita pela organização amadora de futebol. Para “reparar o fracasso” do torneio início, a AMEA estava querendo marcar um jogo entre Flamengo e um combinado de jogadores do Botafogo, Carioca, Andarahy e S. Christovão.⁵⁴ Por fim, ficou decidido que o Flamengo enfrentaria o São Christovão⁵⁵, porém a partida foi adiada “devido a falta de público.”, o que demonstra que as pessoas não estavam tão empolgadas com o campeonato amador.⁵⁶

⁵¹ “Profissionalismo e Amadorismo”, *Jornal dos Sports*, 14 de abril de 1933.

⁵² “Na prata, o profissionalismo absorveu o futebol amador”, *Jornal dos Sports*, 22 de Fevereiro de 1933.

⁵³ Com muita sorte consegui fazer uma pequena entrevista com Fernandinho, que na época se encontrava com 102 anos de idade. Nesta entrevista o jogador conta alguns detalhes da viagem feita pelo Flamengo e da situação que se encontrava o Flamengo. 19 de Outubro de 2015.

⁵⁴ “Reparando o fracasso do Initium”, *Jornal dos Sports*, 19 de Abril de 1933.

⁵⁵ “O scratch da AMEA não enfrentará mais o Fla”, *Jornal dos Sports*, 21 de Abril de 1933.

⁵⁶ “Devido a falta de público”, *Jornal dos Sports*, 25 de Abril de 1933.

Na mesma época, surgiram boatos de que José Bastos Padilha e Arnaldo Guinle, ex-presidente do Fluminense e uma das figuras principais da L.C.F., estavam trocando cartas sobre uma possível mudança de lado do Flamengo.⁵⁷ Não demorou muito para que esse caso viesse à tona e a imprensa profissionalista usasse essa informação a seu favor. Em uma crônica escrita no *Jornal dos Sports*, a possível mudança do Flamengo para o lado profissionalista é colocada como uma grande perda para a AMEA:

(...) Eu andava triste. O Flamengo, de gente boa, de gente energética, valorosa, invencível; o Flamengo muitas vezes campeão; o Flamengo de terra e mar, sendo tapeado, tapeadíssimo pelos amadoristas cor de chocolate... Transformado em mãe, para aguentar os caprichos de meia dúzia. Mãe carinhosa. Mãe amantíssima de uma porção de filhos... O Flamengo não da para isso. Enganaram-se. Tapeados, na verdade foram os que pensaram que o Flamengo fosse trouxa. E eu confesso – fui um deles. Mas ali dentro tem gente que enxerga o seu pedaço. E vê distante.. Por isso, não esta longe o dia em que vamos ver o rubro-negro no seu verdadeiro lugar. Ao lado dos bambas. Dos fortes, de fato e de direito. Longe, muito longe dos ‘amadores’ a cento e cinquenta por jogo.. Já estou antegozando o espetáculo. Eles os de lá, no desespero incontido de quem vê fugir a taboa de salvação. – E agora? Como vamos arranjar pras medias? A AMEA orfã de mãe...⁵⁸

Colocando o Flamengo na posição de um pilar que sustentaria a entidade amadora no campo financeiro e no campo simbólico tradicional do futebol carioca, o cronista se apropria da tradição do clube rubro-negro para dizer que ele não pertenceria a tal lugar, com seu histórico de “gente boa, de gente energética, valorosa, invencível; o Flamengo muitas vezes campeão” estaria se direcionando para o “seu verdadeiro lugar”, ao lado dos “bambas”, como Fluminense, América e Vasco. Também destaca que o clube estava dividido, de que apesar de o Flamengo ter escolhido o amadorismo em um primeiro momento, dentro do clube havia “gente que enxerga o seu pedaço” e “vê distante”. Essas pessoas estariam preocupados com o futuro financeiro do clube e de suas alianças políticas.

Se na imprensa já se falava sobre o Flamengo mudar de lado, dentro do clube o debate se tornava cada vez mais agitado. Os jogadores se reuniram para discutir sobre a questão do profissionalismo e chegaram à conclusão de que jogariam até sem receber dinheiro. Luciano, o meia-esquerdo do rubro-negro, foi

⁵⁷ COUTINHO, Renato Soares. *Um Flamengo grande, um Brasil maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014. p. 69.

⁵⁸ Assinado por Cara-Mello “Orpha de mãe”, *Jornal dos Sports*, 7 de Abril de 1933.

o intérprete dos seus companheiros de time e se dirigiu à diretoria para conversar sobre o assunto da reunião. Porém, a diretoria negou o pedido e manteve o mesmo ponto de vista. Com a decisão da diretoria de continuar no amadorismo, o jogador Luciano, que já tinha uma proposta feita pelo Fluminense, fechou contrato com o clube tricolor deixando o Flamengo.⁵⁹

A pressão exercida pelo lado dos profissionais, dos jogadores, sócios, torcedores e da imprensa, surtiu efeito. Um dia depois da exposição do caso de Luciano e seus companheiros com a diretoria do Flamengo nas páginas dos jornais, o Conselho Deliberativo resolveu marcar para o dia 5 de maio uma reunião para tratar, mais uma vez, sobre o profissionalismo.⁶⁰ Contudo, o episódio que daria o fim dessa novela estava, ainda, um pouco distante. Com a falta de número de conselheiros a reunião teve que ser remarcada para o dia seguinte.⁶¹

Os dias se passavam e ainda não havia se discutido sobre o assunto do profissionalismo no clube. As esperanças de aderir ao novo regime aumentavam e muitos achavam que o conselho acabaria abraçando a idéia. Antonio Capelleti, grande *sportman* e um elemento destacado no seio do clube, deu sua opinião sobre o assunto:

“Como bom Flamengo que sou e desejoso de ver o meu clube trilhando a estrada do progresso, votarei pelo profissionalismo.(...) As tendências atuais dos conselheiros, ao meu ver, são pelo profissionalismo, embora as duas outras correntes sejam também poderosas. Mas temos de vencer.”⁶²

Luiz Vidal, antigo diretor rubro-negro, reforçava aquilo que Capelleti chamava de “estrada do progresso”:

“Ninguém mais do que eu defendeu o amadorismo no seio do Flamengo. Entretanto, meu amigo, a evolução é assim fui forçado a reconhecer que na época atual seria impossível manter dignamente o mesmo regime de anos atrás. E a um amadorismo falho e sem moral, eu resolvi preferir o profissionalismo, desde que seja instituído com critério e solidamente baseado. (...) Os rapazes que constituem atualmente os quadros de *football* do Flamengo, em sua unanimidade, querem o profissionalismo.”⁶³

⁵⁹ “Nós nos oferecemos para jogar no Flamengo, como profissionaes, sem receber remuneração”, *Jornal dos Sports*, 29 de Abril de 1933.

⁶⁰ “O Flamengo vae tratar do profissionalismo”, *Jornal dos Sports*, 30 de Abril de 1933.

⁶¹ “Por falta de número não seu reunio o conselho do Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 5 de Maio de 1933.

⁶² “Votarei pelo profissionalismo para bem de meu club”, *Jornal dos Spors*, 7 de Maio de 1933.

⁶³ “É na Liga Carioca que o Flamengo poderá defender o seu ponto de vista”, *Jornal dos Sports*, 19 de Maio de 1933.

Ambos mostram em suas falas aquilo que estava sendo colocado, desde o início da discussão, pelos profissionalistas: o futebol não suportava mais o modelo amadorista pois este já se encontrava ultrapassado. O “progresso” que Capelleti procurava para o seu clube não estaria no amadorismo, aquele que Luiz Vidal chama de “falho e sem moral”, mas sim, no seu grande rival. Ao atribuir o significado de progresso ao profissionalismo, o antigo *sportman* dizia que este seria o regime que ergueria o Flamengo de sua crise política/financeira. Em seu discurso, o ex-jogador acaba evidenciando a pressão que os jogadores estavam exercendo contra a diretoria sendo todos a favor do profissionalismo.

Capelleti e Vidal estavam certos em suas previsões. No dia 20 de maio o Conselho Deliberativo do Flamengo, em uma decisão de 117 votos contra 49, resolveu aderir ao profissionalismo e se inscrever na Liga Carioca de Futebol, uma vitória dos jogadores, pouco ouvidos na decisão de antes.⁶⁴ A mudança de lado do clube rubro-negro repercutiu de formas diversas na imprensa e alguns jornais se mostravam claramente contra o novo rumo que o Flamengo iria tomar. No *Correio da Manhã*, o início da matéria criticava a decisão tomada pelo Flamengo, afirmando que este estaria “rompendo compromissos anteriores e solenemente assumidos”. Ainda que, ao longo do texto muito se critique sobre o profissionalismo, dizendo que “o público que paga muito caro as localidades para assistir *football*, tem o direito de exigir uma qualidade técnica de *associations* que ainda não existe”, o escritor acaba admitindo uma vitória do novo regime, tentando tirar o seu mérito ressaltando que “o sucesso inicial da temporada dos profissionais era mais ou menos esperado”, e que o Flamengo seria um apoio valioso para os profissionalistas, da mesma forma que para as fileiras da AMEA seria um “desfalque profundo”.⁶⁵ Já o *Jornal do Brasil* resolveu transmitir a sua opinião sobre o assunto usando o discurso feito pelo sócio número 1 do Flamengo, senhor José Agostinho Pereira da Cunha, grande benemérito com 38 anos de clube, logo após a vitória dos profissionalistas:

“Quis a Divina Providência que a minha velhice de *sportman* viesse a sofrer a grande provocação de vê transformada a tua finalidade de clube esportista que idealizamos e construímos com o maior dos carinhos sob o lema único e idealista: – *o sport pelo o sport*. Com o desaparecimento dessa nobre finalidade, o velho glorioso e tradicional ‘Flamengo’ de ontem, pereceu, morreu... O teu ingresso ao

⁶⁴ “Venceu o profissionalismo no Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 20 de Maio de 1933.

⁶⁵ “O Flamengo aderiu ao profissionalismo”, *Correio da Manhã*, 21 de Maio de 1933.

profissionalismo é uma corretada de vilipêndio assacada ao teu passado esplendente de clube esportivo, submergindo-te na onda avassaladora do mercantilismo! Destes ouvidos as maranhas e patranhas do profissionalismo, ao invés de atenderes aos ecos de tua gloriosa tradição.. Recebe uma braçada de flores que atiro sobre tua campa recém aberta.. Adeus, meu querido e sonhado ‘Flamengo’.”⁶⁶

O discurso de João Agostinho Pereira da Cunha revela aquilo que mais incomodava o grande número de amadoristas que faziam parte do Clube de Regatas do Flamengo: a “finalidade de clube esportista”, o que ele chama de “*sport pelo sport*”, que os antigos sócios idealizaram, estava sendo profanada pelos profissionalistas. Aquilo que um dia teria sido um esporte praticado apenas pelo prazer estava sendo corrompido pela imoralidade da sua “mercantilização”, e o Flamengo estaria cavando sua própria cova ao aderir a este novo regime. O que chama atenção, porém, é que o sócio número um do Flamengo não leva em consideração que o futebol já não era praticado apenas pelo prazer haviam muitos anos. Muitos jogadores, incluindo alguns do seu próprio clube, recebiam dinheiro para se sustentar. O que demonstra que João Pereira estava mais preocupado, embora ele não chegue a dizer, com a mudança do significado do futebol. Este não seria mais, aos seus olhos, o território de apenas uma pequena parcela mais endinheirada da sociedade. Abrindo portas para jogadores de classes mais pobres ingressarem em clubes refinados como o seu, o futebol deixaria de ser, definitivamente, um privilégio da elite e passaria a ser uma forma de trabalho que agregaria muitas classes.

Neste sentido, o que está em jogo se mostra muito mais importante que apenas a saída de uma crise financeira. O profissionalismo traria consigo, nesta concepção, a quebra de uma tradição elitista que estava nas raízes do Clube de Regatas do Flamengo, mudando o significado do futebol dentro do clube e facilitando o ingresso de jogadores de classes mais pobres. O futebol deixaria de ter a ideologia do “*sport pelo sport*” e passaria para uma visão do esporte como trabalho, mais precisamente, do futebol como trabalho, trazendo para a legalidade uma prática que já era feita a algum tempo. Por isso, a mudança de regime perturbava tanto os amadoristas e era tida como imoral, devido a mudança de significado que o futebol carregaria deste momento em diante. Entretanto, o que o conselho do Flamengo, como numa forma de conciliação com os amadoristas e

⁶⁶ “As tristes consequências do football carioca”, *Jornal do Brasil*, 21 de Maio de 1933.

uma tentativa de não mudar tanto o significado do futebol, resolveu estabelecer o que eles chamaram de “profissionalismo educativo”⁶⁷, pois uma parte do salário dos jogadores seria obrigatoriamente destinada para os seus estudos.

Se Renato Coutinho defende que a diretoria do Flamengo, principalmente José Bastos Padilha, teria esperado o momento certo para propor o profissionalismo ao Conselho Deliberativo, o que fica claro assim é que isso foi feito a partir de uma pressão enorme feita dentro e fora do clube, mas que teve nos próprios jogadores rubro-negros seus agentes principais. Não se trata, assim, de uma mudança de posição ditada apenas pela virtuosa capacidade de Padilha de transformar aquilo que para os amadoristas era traição em uma solução, mas da conquista de direitos por parte de jogadores que, de início, não foram ouvidos pela diretoria, mas que souberam se aliar às posições daqueles que defendiam a mudança do regime. Ao atribuir a vitória do profissionalismo apenas a diretoria, o autor acaba apagando toda a luta dos jogadores e dos sócios e toda a influência gerada pela imprensa, como se a decisão tivesse sido tomada de cima para baixo, excluindo as outras vozes desse processo. Na contramão desta ideia, a postura dos próprios jogadores se mostrou fator fundamental para esta mudança de posição. Olhado do ponto de vista dos que jogavam no clube, a adesão do Flamentgo ao profissionalismo afigurava-se, por isso, como uma conquista vinda de baixo.

⁶⁷ “Venceu o profissionalismo no Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 20 de Maio de 1933.

Capítulo 2 – Uma profissão em construção

A opção do Flamengo pelo profissionalismo estava longe de terminar com as lutas travadas pelos jogadores em suas disputas com a diretoria do clube para garantir seus direitos. De fato, os que achavam que a vitória do profissionalismo no Flamengo cessaria os desentendimentos internos se enganaram, pois a situação chegou mesmo a piorar. Oscar Oliveira Santos, vice-presidente do clube, Anthenor Coelho e Penna Barros, ambos membros da diretoria, renunciaram seus cargos após a reunião do conselho.⁶⁸ Augusto Gonçalves, diretor de futebol, logo após o primeiro jogo realizado pelo Flamengo entre os profissionais contra o Fluminense deixava o clube por conta de uma “incompatibilidade com a comissão dos três”⁶⁹. Esta comissão teria sido formada pelo diretor geral de esportes, senhor José Seabra, “de acordo com o presidente do clube”, composta por ele e mais duas pessoas, ocasionando um desentendimento entre a comissão, os jogadores e o diretor de futebol. No dia seguinte, a diretoria se resolveu com Gonçalves e “a paz voltou a reinar no Flamengo”⁷⁰, mas foi por pouco tempo.

O caso entre a “comissão dos três” e o diretor de futebol teria mais um episódio e desta vez teria um ponto final. Em uma viagem feita à São Paulo para jogos amistosos, Gonçalves teve outro desentendimento com a comissão dos três, de modo que a comissão teria mudado alguns jogadores que haviam sido relacionados pelo diretor. Amado, goleiro do Flamengo, não estava se sentindo em forma e pediu a Gonçalves para não jogar. Porém, antes da partida contra o São Paulo, o diretor descobriu que o goleiro tinha sido relacionado para jogar por ordens de Matarazzo, um dos membros da comissão. O mesmo aconteceu com Flavio Costa, que foi substituído por Lorico, jogador que havia acabado de chegar no clube e não havia sequer treinado com o time. Revoltado, Gonçalves renunciou seu cargo como diretor de futebol, e ainda divulgou a frase que Matarazzo pronunciou ao fazer a troca dos jogadores:

⁶⁸ “Renunciaram a seus cargos, no Flamengo os srs Oscar Oliveira Santos, Vice presidente, Anthenor Coelho e Penna Barros”, *Jornal dos Sports*, 21 de Maio de 1933.

⁶⁹ “Manifestou-se uma crise na secção de football do Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 8 de Junho de 1933.

⁷⁰ “A paz voltou a reinar no Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 9 de Junho de 1933.

“O presidente do clube não faz questão que o Flamengo ganhe. Quer é que o Amado jogue”⁷¹.

Apesar de Gonçalves defender o presidente do clube, dizendo que ele não fazia “imposições de ordem técnica e que o autor da frase não teve foi personalidade para assumir a responsabilidade da decisão”⁷², a diretoria teria aceitado sua demissão, o que demonstra que não foi feito nenhum esforço para a reconciliação e certa conformidade com que Matarazzo havia dito. A frase do membro da comissão dos três resumiria como seria o relacionamento estabelecido entre a diretoria e os seus jogadores. A partir da adoção do profissionalismo, o contrato teria um papel fundamental na relação entre jogador e clube, como ressaltou o historiador Renato Coutinho:

“As novas exigências do profissionalismo garantiram ao jogador a remuneração estabelecida por contrato, livrando o atleta das incertezas do ‘bicho’. Por sua vez, garantiu ao clube prerrogativas sobre a carreira do atleta. Isso quer dizer que o profissionalismo não significou a conciliação entre jogadores de origem popular e clubes de futebol. O conflito não foi exclusividade do amadorismo. O que ocorreu com a implantação do contrato e do ‘passe’ foi a transformação dos conflitos sociais existentes entre as partes. O profissionalismo, no fim das contas, reorganizou as estratégias de ação tanto do dirigente como do jogador.”⁷³

Se por um lado o jogador tinha mais liberdade para escolher onde, por quanto e sob quais regras jogar, por outro a diretoria teria um motivo ainda maior para exigir ao máximo destes jogadores. E assim foi feito nos primeiros meses do profissionalismo no Flamengo. Os jogadores até chegaram a ser proibidos de falar sobre qualquer coisa a respeito da situação interna do clube na imprensa⁷⁴. E “por não concordar com os atos da atual Comissão de *Football*”⁷⁵, o jogador Alemão deixava o Flamengo no mês de Julho. O próprio fato dele deixar o clube, no entanto, mostra que este controle sobre os jogadores não era tão absoluto.

A postura usada pela diretoria do Flamengo, tanto para com os seus jogadores quanto para com os seus sócios e funcionários, teve uma repercussão negativa na imprensa. Padilha, que antes era visto como o grande presidente que tinha direcionado o Flamengo para o progresso do profissionalismo, agora era

⁷¹ “Jogaram fora a invencibilidade do Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 5 de Julho de 1933.

⁷² *Idem*.

⁷³ Renato Coutinho, *op. cit.*, p.72.

⁷⁴ “Proibidos de dar entrevista”, *Jornal dos Sports*, 13 de Julho de 1933.

⁷⁵ “Alemão deixou o Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 19 de Julho de 1933.

visto como o “inimigo da imprensa”⁷⁶ pelo *Jornal dos Sports*. O jornal usava o argumento de que o presidente do Flamengo teria proibido dois cronistas de irem a excursão feita a São Paulo pelo clube e que, portanto, estaria indo contra uma relação que era comum entre clubes e imprensa. Sem contar com o pedido de Padilha ao Conselho Deliberativo para ter autoridade para “eliminar todo sócio que viesse a imprensa fazer declarações sobre a situação interna do clube”. Em poucos dias o jornal já despejava muitas críticas à diretoria rubro-negra, principalmente à seu presidente, dizendo que o ambiente no “glorioso clube” havia se modificado, que o liberalismo havia desaparecido e que o Flamengo não era mais “uma democracia esportiva” e sim uma ditadura.⁷⁷ A matéria colocava em evidência que o direito dos sócios era quase nenhum e que os jogadores seriam escravos do clube.

Toda esses acontecimentos ocorreram logo após o conselho ter decidido implantar o profissionalismo no Flamengo. No final do ano de 1933, o Bangu ganhava o campeonato carioca de profissionais e a matéria saía no *Jornal do Brasil* com uma análise do “falso profissionalismo” que havia se implantado no Rio de Janeiro:

“O Bangu é o campeão do profissionalismo carioca ou melhor do falso profissionalismo que implantaram para a desmoralização do nosso *football*. Dizemos falso profissionalismo porque de outro modo não se pode classificar essa causa perdida que por ai vai rotulada de profissionalismo. Os poucos contratos que existem nenhuma garantia sólida assegura aos artistas da bola. A maioria não tem contrato. O *team* campeão da Empresa ao que se diz abertamente não tem contrato. Na tal Sub-liga que alguns chamam grotescamente de sub-entidade, como se essa denominação pudesse lhe emprestar algum valor, o profissionalismo é degradante para o *football*. Clube com a menor idoneidade financeira, com ‘profissionais’ de ínfima ordem e 2\$000, formam um ajuntamento que só mesmo o tal ‘padrão moral profissionalista’ pode justificar.”⁷⁸

A matéria atacava, mais uma vez, o profissionalismo e o seu “padrão moral” chamando atenção para o fato de que muitos jogadores ainda não haviam estabelecido um contrato com os seus clubes, como era o caso do Bangu, campeão da Liga Carioca. Muitos outros também fechavam um contrato que não davam “nenhuma garantia sólida” aos artistas da bola, fazendo com que o clube acabasse possuindo mais direitos que o próprio jogador. O contrato era para ser, tanto para

⁷⁶ “O inimigo da imprensa”, *Jornal dos Sports*, 11 de Julho de 1933.

⁷⁷ “No regime da rolha”, *Jornal dos Sports*, 16 de Julho de 1933.

⁷⁸ “Profissionalismo? Não: falso profissionalismo”, *Jornal do Brasil*, 14 de Novembro de 1933.

jogadores, quanto para o clube, uma forma de garantir seus direitos e deveres, mas acabou virando, neste primeiro momento, uma forma mais simples de se exigir mais dos jogadores. No Flamengo, a lógica do clube de exigir ao máximo de seus jogadores foi levada às últimas consequências. O campeonato já havia acabado e os jogadores estariam no seu período de férias, mas as ordens vindas da diretoria era de treinar mesmo assim, indicava uma matéria do *Jornal dos Sports*:

“- Isso é todo o dia assim?

- Então, a diretoria acha que devemos ter alguma coisa que fazer. Um dia, exercício na praia, durante quatro a cinco horas consecutivas. No outro, treino de *football*, mais ou menos durante o mesmo. E assim por diante, contanto que não haja folga. O campeonato acabou mas os contratos não. Logo, os profissionais precisam ter o que fazer...”⁷⁹

Ao explicar o motivo de tantas horas de exercícios diários e sem “folga”, o jogador manifestava o pensamento da diretoria em relação ao contrato. Os profissionais estariam presos a seus contratos e deveriam seguir as regras impostas por eles e pela diretoria e o grau de exigência teria aumentado por um pensamento óbvio: antes se jogava pelo prazer e, teoricamente, não se tinha tanto controle sobre os jogadores, com o contrato a relação muda, afinal, agora os clubes estão investindo seu dinheiro em jogadores, sendo assim, eles vão querer usar o máximo daquele produto. Esse tipo de tratamento não seria direcionado apenas aos jogadores, o técnico também sofreria penalizações se descumprisse as regras da diretoria:

“- Dez minutos de descanso depois ginastica.

- Outra vez, Di Lorenzo?

Era Flávio quem estrilava, numa medida de defesa pessoal.

E o veterano boxer justificou-se:

- Que queres? Ontem fui multado porque parei o treino 10 minutos antes da hora marcada. Tenham paciência.”⁸⁰

Indignados com o tipo de tratamento que estavam passando, os jogadores continuavam a conversa dando o exemplo do que havia acontecido com Fernandinho, goleiro do Flamengo:

⁷⁹ “Tem-se a impressão de que o Flamengo vae decidir algum campeonato”, *Jornal dos Sports*, 25 de Dezembro de 1933.

⁸⁰ Idem.

- Vejam só o caso de Fernandinho. O Flamengo adotou o profissionalismo educativo. Mas no dia em que esse jogador teve de prestar exame na Faculdade de Medicina e pediu licença ao presidente do clube para faltar a um treino, não houve solução. Ele faltou assim mesmo e foi multado em 100\$000! Isso é que é profissionalismo educativo.”⁸¹

Como era de se esperar, as críticas vindas dos jogadores e dos jornais sobre o excesso de exercícios desnecessários chamaram atenção da Liga Carioca, que enviou uma equipe médica para avaliar a saúde dos membros do time do Flamengo. O exame médico dos “*players*” acabou confirmando que alguns deles se encontravam com queimaduras de 1º e 2º grau devido ao tempo exposto ao sol durante o treino, Jarbas e Roberto haviam diminuído sensivelmente sua capacidade física e Moyses acabou emagrecendo 5 quilos. Quem impressionou foi Affonso que sangrava abundantemente pelo nariz, mas, “mesmo assim estava treinando”⁸². A entrega do relatório do doutor Leite de Castro ao departamento médico da L.C.F desencadeou uma resposta da entidade, recomendando “ao Flamengo a imediata modificação nos métodos atuais de treino.”⁸³ Isso mostra que o que estava em jogo era uma disputa entre jogadores e diretoria, uma disputa dentro do Flamengo entre seus diferentes setores.

Por isso, no ano seguinte, o *Jornal dos Sports*, assim como o *Jornal do Brasil*, que já tinha levantado esse tema, fez questão de ressaltar um dos problemas que estavam sendo demonstrados no decorrer do ano de 1933 no futebol carioca: o contrato, que era para ser benéfico para ambos os lados estava sendo feito de forma abusiva e desequilibrada, favorecendo, na maioria das vezes, os clubes, ferindo certos direitos dos jogadores:

“Na temporada finda, os contratos foram claramente tendenciosos, sem reciprocidade de garantias não preenchiam os requisitos essenciais exigidos expressamente por lei. Porque não obedeciam a formalidades imprescindíveis, eles eram de uma validade bastante duvidosa e não ofereciam as necessárias garantias aos jogadores. Não se compreende nem é admissível que no regime do profissionalismo regulamentado, que surgiu como elemento moralizador, estejam alguns clubes a desvirtuar o movimento, a compromete-lo, enodoando-o com contratos atentatórios a dispositivos expressos em lei com contratos imperfeitos cujo o objetivo é por o grêmio a resguardo de qualquer ação por parte dos contratantes, cujos direitos podem ser postergados irremessivelmente.”⁸⁴

⁸¹ Idem.

⁸² “O exame médico dos players do Flamengo confirmou”, *Jornal dos Sports*, 1 de Dezembro de 1933.

⁸³ “O exame médico nos jogadores do Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 2 de Dezembro de 1933.

⁸⁴ “Contrato de jogadores”, *Jornal dos Sports*, 18 de Janeiro de 1934.

Vista com repúdio pelo escritor, essa prática que fora revelada pela matéria acabava desvirtuando o futebol profissional, afinal, os profissionais lutavam pela moralidade do esporte e não podiam aceitar que houvesse pessoas com essa atitude em seu movimento. No final do texto, o escritor alertava os jogadores para que exigissem uma cópia dos contratos e protestassem “com altivez de quem está ferido em seus direitos, todas as vezes que pretenderem lhes sonegar os documentos que são essenciaes a sua defesa”:

“Não é porque seja profissional que um jogador deve entregar-se passivamente aos clubes. Pelo contrário!”⁸⁵

Desta forma, revelavam-se as tensões e disputas sobre os limites do controle que o profissionalismo permitia dos empregados – no caso, os jogadores – por parte de seus clubes. Os contratos eram feitos de forma ilegal, ferindo os direitos dos jogadores, fazendo com que alguns deles não aceitassem se tornarem profissionais, como foi o caso do amador do Flamengo Jorge Rollin. O jogador veio à imprensa dizer que não havia se tornado profissional porque a proposta do clube, ao seu ver, era “irrisoria”. Apesar de confirmar que ainda era amador, não descartava a possibilidade de se tornar profissional, uma vez que a proposta estivesse ao alcance daquilo que ele achava justo para ambos os lados:

“Poderei passar a profissional, pelo clube que estou ou outro qualquer. Para isto, porém, mistér se torna que as condições sejam vantajosas para a nova condição. Do contrário continuarei como amador.”⁸⁶

Em janeiro de 1934 o Flamengo contratava alguns jogadores para completar o time principal. Carlos Alvez, jogador do Fluminense A.C. de Niterói, fazia parte das novas contratações. Bindo, jogador do São Bento da cidade de São Paulo, também seria mais um para reforçar a equipe, se não fosse pela grande polêmica que surgia na negociação. O São Bento era um clube amador e o Flamengo um clube vinculado à liga profissional, o grande impasse ocorreu pois não se sabia como seria feita a negociação. O São Bento afirmou que era preciso haver a concessão do passe do atleta para que o Flamengo contratasse o jogador, no entanto o Flamengo não enxergava dessa maneira, alegando que Bindo não estava ligado ao clube, pois o jogador não tinha nenhum contrato assinado, logo,

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ “Rollin declara que não se tornou profissional”, *Jornal dos Sports*, 17 de Janeiro de 1934.

este estaria livre para fazer qualquer tipo de negociação. Aproveitando a situação, a diretoria do Flamengo correu em sua defesa e da “liberdade do jogador”:

“Não nos batemos por um elemento que reforçará o nosso *team*, e sim pela liberdade do jogador... Bato-me pela liberdade dos jogadores. Já não estamos mais na época da escravidão. Como se concebe que um jogador sem contrato esteja preso a um clube e que esse clube disponha dele como uma propriedade? Não defendo o reforço do Flamengo no caso Bindo. Seria levar a questão para um terreno de interesse pessoal. Vejo no caso de Bindo a causa da liberdade do jogador – e por essa causa baterei sempre.”⁸⁷

Na continuação de seu discurso, Padilha coloca o contrato, mais uma vez, no centro da discussão:

“O S. Bento julga-se com direitos sobre ele. Mas não tem um contrato, não tem nada. E na APEA Bindo não tem registro de profissional. Si o S. Bento apresentasse um contrato de Bindo não discutiríamos mais sobre esse assunto. Eu seria o primeiro a devolver o jogador. O S. Bento porém não pode fazer isso. Não tem contrato, não paga a Bindo, racionalmente não tem nenhum direito sobre ele.”⁸⁸

Para defender seu direito de negociação e conseguir o reforço para o seu time, Padilha utiliza a dicotomia escravidão e liberdade, ressaltando que Bindo não teria nenhum vínculo contratual com o S. Bento e que, portanto, o jogador estaria livre para fazer qualquer tipo de negociação. Ao dizer que já não se encontravam “mais na época da escravidão”, o presidente rubro-negro fazia uma crítica aos amadoristas e enaltecia o novo regime, atribuindo ao profissionalismo o caráter moral de liberdade de ir e vir.

Porém, o movimento de defesa pela liberdade que Padilha demonstrava no caso de Bindo não condizia com algumas de suas práticas no cotidiano dos jogadores do clube. Poucos meses antes do caso de Bindo, como já foi mostrado neste capítulo, tivemos a polêmica dos atletas do Flamengo que se encontravam em estados de saúde preocupantes devido ao excesso de treinos no período das férias. A recomendação da L.C.F. de mudar os métodos de treinamento parece não ter sido escutada pela diretoria do clube, que em maio recebia mais reclamações vindas dos jogadores em relação aos treinos e multas que estavam sendo aplicadas por atraso. Dentre esses jogadores estavam Bibi e Moyses, que insatisfeitos resolveram deixar o clube e aceitar a proposta feita pelo Boca Juniors da

⁸⁷ “O presidente do Flamengo fala sobre o caso de Bindo”, *Jornal dos Sports*, 17 de Fevereiro de 1934.

⁸⁸ *Idem*.

Argentina.⁸⁹ Outros jogadores também deixariam o clube mas dizendo que não teria sido por nenhum tipo de problema com a diretoria.⁹⁰ Russo, que veio do Rio Grande do Sul para jogar no clube rubro-negro, ao sair do Flamengo alegou que não tinha se adaptado com o clima, todavia, a diretoria do clube enviou o contrato de Russo a Liga Carioca pedindo uma punição ao jogador por não ter cumprido seus deveres.⁹¹ Até mesmo Bindo rescindia o contrato com o Flamengo alguns meses depois de sua chegada ao clube.⁹²

A mudança que o profissionalismo trouxe se tornaria mais evidente no caso de Amado, goleiro do Flamengo e que teria seus direitos de sócio cassados pela diretoria. Nem o fato de Amado Benigno ter sido o sócio atleta número 1, médico renomado e jogado pelo time amador do Flamengo foi o suficiente para impedir que se concretizasse tal acontecimento. O Conselho Deliberativo, no dia 7 de dezembro de 1933, havia resolvido que “os jogadores profissionais não poderiam ser sócios do clube, ficando, pois, desde aquela data automaticamente cassadas as matrículas dos jogadores que faziam parte do quadro social”⁹³. Se por um lado o profissionalismo permitia o fácil acesso de jogadores de classes mais baixas da sociedade em clubes renomados como Flamengo e Fluminense, por outro lado, como ressalta Leonardo Pereira, estabelecia de forma clara as posições de cada indivíduo dentro do clube, diferenciando rigorosamente os sócios dos jogadores.⁹⁴

Se quebrava aos poucos a tradição elitista encontrada nas raízes do Clube de Regatas do Flamengo, a adoção do profissionalismo se constituía assim em

⁸⁹ Sobre a reclamação de treinos exaustivos e multas dos jogadores “Terá o Flamengo voltado ao regime dos treinos forçados?”, *Jornal dos Sports*, 14 de Maio de 1934. Ver sobre o caso de Bibi e Moyses “Bibi quer deixar o Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 21 de Fevereiro de 1934; “Depois de Moyses o Flamengo perderá Bibi”, *Jornal dos Sports*, 14 de Abril de 1934.

⁹⁰ Sobre outros jogadores que deixaram o clube, ver, por exemplo “Vanni rescindiu contrato com o Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 8 de Julho de 1934; “Rescindido o contracto entre Aristheu e Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 13 de Julho de 1934.

⁹¹ “O Flamengo perde um dos elementos gaúchos”, *Jornal dos Sports*, 15 de Junho de 1934; “O Flamengo enviou o contracto de Russo a Liga Carioca”, *Jornal dos Sports*, 17 de Junho de 1934. Russo não foi o único que teria seu contrato enviado a L.C.F., Moyses e Bibi ao deixarem o Flamengo também seriam punidos. “A Liga Carioca toma providências sobre Moyses e Bibi”, *Jornal dos Sports*, 21 de Abril de 1934.

⁹² Apesar de pedir rescisão do contrato, Bindo agradece a diretoria “e especialmente a José Bastos Padilha, pela maneira rigorosamente correcta com que sempre foi tratado pelos dirigentes rubro-negros.” “Desfeito o contrato entre Bindo e o Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 24 de Julho de 1934.

⁹³ “O Flamengo cassou os direitos de sócio ao keepera Amado”, *Jornal dos Sports*, 11 de Agosto de 1934.

⁹⁴ Leonardo Pereira, op. cit., p. 325.

fonte de novas disputas e desacordos entre jogadores e diretoria. Definido o futebol como uma profissão, era em torno das características desta profissão e das possibilidades de controle a serem exercidas pelos diretores sobre seus novos funcionários que se estruturaria este novo momento de disputa. Ainda que ao final do ano de 1934 a questão do profissionalismo parecesse estar superada, garantindo um desenvolvimetro do clube expresso no aumento de seu quadro social de 1000 para 3000 sócios e pela superação da crise financeira, ficava claro que a marca elitista não havia desaparecido do clube com o novo regime, pois apenas mudara de forma. Deixada de lado a tentativa de afirmação de um perfil elegante para o clube, o regime profissional se tornou assim campo de disputas entre jogadores e diretores, cujos perfis passavam a ser claramente antagônicos em termos sociais. Por mais que a adoção do profissionalismo apostasse para um quadro de estabilidade e coesão – com Padilha, altamente parabenizado pela imprensa por sua capacidade administrativa, sendo reeleito com amplos poderes através do Conselho Deliberativo⁹⁵ – as disputas em torno da forma e sentido daquele profissionalismo tratavam de deixar claro os limites práticos da mudança simbólica viabilizada por tal opção.

⁹⁵ Em relação a imprensa elogiar a administração de Padilha, “A situação do Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 20 de Outubro de 1934. Ver também “O 39 aniversário do C.R. do Flamengo”, *Correio da Manhã*, 15 de Novembro de 1934. “Foi reeleito o senhor Bastos Padilha”, *Jornal dos Sports*, 27 de Dezembro de 1934.

Capítulo 3 – Uma nação em formação

Vimos no capítulo anterior como os primeiros anos do regime profissional de futebol no Flamengo foram bem movimentados. A diretoria parecia ainda não ter aceitado por completo o profissionalismo e várias medidas conservadoras foram aparecendo ao longo desse primeiro momento. O investimento na seção de futebol não estava sendo a preocupação principal de Padilha, afinal, o clube passava por um crise financeira e a incerteza lucrativa que o novo regime trazia ainda assustava um pouco os clubes. Porém foi diante desse panorama que no dia 29 de agosto de 1934 o doutor José Maria da Luz Moreira, diretor da seção de futebol, apresentava na reunião do Conselho Deliberativo uma proposta que mudaria por completo o departamento de futebol do clube rubro-negro. A seção de futebol seria dividida em três departamentos autônomos: departamento administrativo, departamento técnico e o departamento médico, que seriam “dirigidos por um diretor, por um técnico e um médico, o que terá a vantagem de dividir o trabalho e definir responsabilidades”⁹⁶. Dentro dessa proposta, expunha as obrigações e as “responsabilidades” que os encarregados dos novos departamentos tinham que cumprir. Ao técnico cabia, entre outras coisas:

enviar ao departamento administrativo antecipadamente o *team* escalado e reservas para os jogos, bem como informar quais os jogadores impossibilitados e quais os motivos; organizar fichas dos jogadores com apontamentos e dados das vidas dos jogadores, quer quanto a disciplina, quer quanto sua eficiência técnica; preparar sempre com máximo carinho o *team* de profissional, marcando para isto os treinos, quer individuais, quer de conjunto que julgar necessário. Bem como indicar o regime mais aconselhado para que o jogador esteja sempre no máximo de disposição física e moral.⁹⁷

Com essa nova proposta, o técnico ganhava uma autonomia maior na hora de conduzir seu próprio time. Como relembra Flavio Costa, ex-jogador do Flamengo, “naquela época o treinador tinha uma função diferente”:

O treinador não era propriamente um professor de futebol. Era um funcionário encarregado de fazer a preparação, tomar conta, providenciar o material. E os times eram geralmente escalados pelo diretor.⁹⁸

⁹⁶ Livro de Atas n° 14 do Conselho Deliberativo do Clube de Regatas do Flamengo. 29 de Agosto de 1934.

⁹⁷ Idem.

⁹⁸ Museu de Imagem e Som do Rio de Janeiro. Depoimentos para a posteridade – Flavio Costa (06 de setembro de 1976).

Sendo assim, a seção de futebol do Flamengo se modernizava e ganhava mais autonomia no clube. Se antes o treinador não passava de um funcionário para “tomar conta” dos jogadores, agora ele seria a autoridade escolhida para definir quais atletas estariam aptos para jogar uma partida, quais deveriam ficar no banco e assim por diante.⁹⁹ No entanto, o técnico ficava encarregado de fazer as fichas da vida dos jogadores e reportar ao departamento administrativo, uma forma que a diretoria encontrou de controlar os atletas que não estavam seguindo o padrão disciplinar que o clube estabelecia.

A nova divisão na seção de futebol foi aprovada no mesmo dia, mas era preciso escolher o novo técnico. O Flamengo disputava o Torneio Extra naquele momento e não estava conseguindo encaixar o time de maneira efetiva. Foi no dia 31 de agosto, dois dias depois da reunião do conselho, que a notícia do *Jornal dos Sports* colocava na primeira página a escolha do novo técnico rubro-negro. “Flavio substitui Gama na direção técnica do Flamengo”, intitulava-se a notícia do periódico esportivo chamando atenção dos torcedores flamenguistas. Ainda na mesma publicação mostrava-se a nova divisão que a seção de futebol havia adotado, ressaltando um abaixo assinado que contava com “mais de 200 assinaturas”, dentre elas estavam “conselheiros, ex-diretores e sócios proprietários”, para que Augusto Gonçalves voltasse ao seu antigo posto de diretor de futebol.¹⁰⁰ A escolha do novo técnico não teria sido algo tão simples e de bom grado para todos no clube. Enquanto relembra o episódio anos depois do acontecido, Flavio contava como foram lhe comunicar sobre seu novo cargo:

Foram me buscar em casa já era madrugada. Quando chegou lá o presidente me recebeu de cara amarrada e disse:

- Olha, a princípio não concordo com a sua contratação, mas aceitei. Quero lhe prevenir uma coisa: não conte com o presidente do Flamengo para coisa nenhuma. Não quero nem saber que existe futebol no Flamengo.¹⁰¹

⁹⁹ No primeiro capítulo, mostrei o caso do goleiro Amado que, mesmo pedindo para o diretor de futebol Augusto Gonçalves para não jogar pois não estava se sentindo em forma, foi escalado para a partida contra o São Paulo pela comissão dos três. Isso mostra que existia grande influência de outros departamentos nas escolhas dos jogadores. Com essa mudança, o técnico ganhava um pouco mais de liberdade para comandar o seu time.

¹⁰⁰ “Flavio substitui Gama na direção técnica do Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 31 de Agosto de 1934

¹⁰¹ *Museu de Imagem e Som do Rio de Janeiro*. Depoimentos para a posteridade – Flavio Costa (06 de setembro de 1976).

Embora não concordasse com a escolha de Flavio para ser o novo técnico do Flamengo, talvez por ter sido um dos principais jogadores que contestavam as atitudes conservadoras da diretoria, Padilha acabava aceitando a decisão de seus companheiros. Se por um lado a escolha de Flavio se via vantajosa para a diretoria, como uma maneira de agradar os jogadores colocando alguém conhecido e respeitado para comandá-los oficialmente, por outro a escolha também trazia vantagens para os jogadores e para o ex-capitão e agora técnico, que reunia no seu novo cargo uma maior responsabilidade e certa autonomia para reger seu time. Flavio, como ex-jogador, continuaria lutando pelos direitos dos jogadores e com a nova forma que ganhava a seção de futebol teria uma maior força para brigar contra possíveis medidas que caíam contra seus atletas. No entanto, como foi dito pelo próprio técnico, a atitude do presidente Padilha acabava dificultando ainda mais sua relação com a diretoria e diminuindo seu poder de ação dentro do clube.

Fazendo um pacto com o doutor Dário Melo Pinto, que lhe proporcionaria as condições necessárias para ser o técnico, aceitou mesmo assim o desafio, iniciando seus trabalhos no dia seguinte. A vitória contra o São Christovão na estréia de seu novo cargo no clube rubro-negro, apesar do pequeno público presente devido ao mau rendimento nos últimos jogos, lhe trouxe mais conforto perante a torcida. Em uma entrevista, Flavio fazia um apelo para que a torcida flamenga comparecesse em peso na partida contra o América.¹⁰² Seria, porém, contra o Bangu que a resposta dos rubro-negros viria, e de uma forma que nem mesmo ele esperava. Flavio foi ao tesoureiro do clube, Eurico Leal, pedir para que ele reserva-se um vagão de trem para que o time pudesse ir junto ao jogo. Entretanto, o tesoureiro lhe informou que “não tinha autoridade para dar nenhum auxílio ao futebol”, fazendo valer a ameaça de Padilha em sua conversa pessoal com Flavio. Sem a ajuda do clube, o técnico do Flamengo foi ao *Jornal do Sports* pedir ao seu amigo Everato, que era o secretário do jornal, para que fizesse mais um apelo à torcida, dizendo que, “desejando reservar um vagão, quem quisesse contribuir, que pelo preço de 1\$200 reis, comprava uma passagem”¹⁰³. E assim foi feito. No dia 27 de setembro foi noticiado o apelo do técnico convocando os seus

¹⁰² “Flavio pede o apoio da torcida”, *Jornal dos Sports*, 19 de Setembro de 1934.

¹⁰³ *Museu de Imagem e Som do Rio de Janeiro*. Depoimentos para a posteridade – Flavio Costa (06 de setembro de 1976).

torcedores a se juntar, ao estilo das antigas caravanas, para assistirem o jogo do time mais querido do Brasil¹⁰⁴. Dois dias depois o mesmo jornal anunciava novamente a caravana rubro-negra, desta vez ressaltando o sucesso que tinha atingido tal movimento: “são inúmeras já as pessoas que se inscreveram nas hostes de adesões à caravana de associados e não associados do Flamengo, que vai amanhã à Bangu”¹⁰⁵.

A partida foi muito disputada e terminou empatada, mas o que mais chamou atenção do técnico foi o momento de embarcar no trem. Ao chegar na estrada de ferro da Central do Brasil havia uma multidão a sua espera. Para ele seria alugado um vagão, no máximo dois, entretanto a realidade superou sua expectativa e tiveram que alugar seis vagões do trem.¹⁰⁶ Os rubro-negros atenderam o seu pedido e com isso mostravam algumas coisas à diretoria: o prestígio que o ex-jogador do Flamengo tinha com a sua torcida e o poder de alcance da imprensa na divulgação do seus projetos. Além disso, mostrava que o futebol no Flamengo poderia agregar muito mais a vencer a crise financeira do clube. O dinheiro excedente da caravana, uma boa quantia, 311\$000 reis, “ficou resolvido que seriam empregados na compra de material para o *team* de juvenis”¹⁰⁷. Com a vitória de Flavio e sua caravana de torcedores, Padilha observava de perto uma das grandes mudanças que o profissionalismo trazia para o futebol: a importância da torcida. A partir deste momento, a torcida ganhava aos poucos o papel de principal financiador do espetáculo que outrora fora dos sócios¹⁰⁸. Aos olhos de Flavio Costa, este episódio marca a adesão de Padilha ao futebol:

Com a motivação espetacular, do apoio maciço da torcida do Flamengo, nesse empreendimento de Bangu, o presidente que não queria saber do futebol, em boa

¹⁰⁴ O título de o time mais querido do Brasil já era usado naquela época. Mario Filho conta que este título teria vindo de um concurso feito pelo *Jornal do Brasil*, a famosa Taça Salutaris, onde os torcedores do Flamengo teriam trapaceado para ganhar o concurso. RODRIGUES FILHO, Maio. *Histórias do Flamengo* 4^o ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2014. “Restaurando o tempo das caravanas”, *Jornal dos Sports*, 27 de Setembro de 1934.

¹⁰⁵ “A caravana rubro-negra que vai a Bangu”, *Jornal dos Sports*, 29 de Setembro de 1934.

¹⁰⁶ “Bangu e Flamengo fizeram uma pejeja brilhante”, *Jornal dos Sports*, 2 de Outubro de 1934.

Sobre a reação de Flavio Costa, ver também *Museu de Imagem e Som do Rio de Janeiro*.

Depoimentos para a posteridade – Flavio Costa (06 de setembro de 1976).

¹⁰⁷ Livro de Atas nº 14 do Conselho Deliberativo do Clube de Regatas do Flamengo. 4 de Outubro de 1934.

¹⁰⁸ COUTINHO, Renato Soares. *Um Flamengo grande, um Brasil maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955)*. - 1. Ed. - Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

hora aderiu ao futebol (...) Passou a se interessar diretamente pelo problema do futebol no Flamengo.¹⁰⁹

Ficava claro, dessa forma, que foi a popularidade do jogo evidenciada em episódios como esse que ajudou na ocasião a redefinir a atitude do presidente do Flamengo, que iniciaria um processo que mudaria o destino do clube. A disputada adesão ao profissionalismo, a luta dos jogadores pelos seus direitos, a mudança na seção de futebol do Flamengo, o posto de técnico encarregado a um antigo e respeitado jogador e a vontade de uma diretoria disposta a vencer a crise financeira apontavam para um caminho capaz de afastar o clube da tradição elitista que se encontrava enraizada em seu seio. Após a demonstração da torcida do Flamengo no jogo contra o Bangu, a diretoria abria seus olhos para um grande potencial financeiro que o futebol poderia trazer ao clube.

Não foi à toa que, no início do ano de 1935, o presidente do Flamengo vinha aos jornais garantir que, mesmo tendo acabado o contrato de alguns atletas, o clube “não perderá jogadores”¹¹⁰. Marin, um jogador muito procurado por outros clubes, renovou seu contrato com o Flamengo e manteve-se no time. Os boatos de que o Botafogo e a CBD estariam procurando trazer o jogador para a entidade amadora foram ignorados pela diretoria, que fechava um novo contrato com Marin¹¹¹. Frente ao grande potencial comercial assumido pelo futebol, a diretoria do Flamengo passava assim a tratar de forma diferente seus atletas. A preocupação de manter seus bons jogadores no clube e a maior maleabilidade na hora de fazer os contratos, aceitando as “condições propostas” pelos jogadores, dava a ver assim um ambiente já um pouco diferente daquele dos primeiros anos do profissionalismo. Aquela antiga diretoria que explorava seus atletas até mesmo no período de férias teria mudado seu comportamento, permitindo, dessa vez, que os jogadores tivessem mais liberdade enquanto não estavam disputando nenhum campeonato. Foi o caso de Arthur, que “aproveitando a inatividade futebolística” pediu ao clube para visitar sua família no Rio Grande do Sul. Russo também fez o mesmo pedido e ambos conseguiram a liberação para suas respectivas viagens.¹¹² Foi feito até mesmo um banquete para os jogadores profissionais e amadores do

¹⁰⁹ *Museu de Imagem e Som do Rio de Janeiro*. Depoimentos para a posteridade – Flavio Costa (06 de setembro de 1976).

¹¹⁰ “O Flamengo não perderá jogadores”, *Jornal dos Sports*, 4 de Janeiro de 1935.

¹¹¹ “Marin continuará no Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 6 de Janeiro de 1935.

¹¹² “Arthur pediu licença ao Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 29 de Janeiro de 1935.

Flamengo com o intuito de “estimular os cracks”, uma maneira de fazer com que seus atletas se sentissem mais a vontade dentro do clube.¹¹³

A tentativa de angariar o apoio da torcida se manifestaria ainda, ao longo do ano de 1935, na tentativa da diretoria do Flamengo de fortalecer o seu time com a contratação de alguns jogadores muito visados e conhecidos pelo público. O primeiro jogador a ser incorporado ao time pela nova diretoria foi Germano, o “ex-goleiro botafoguense e reserva do selecionado da CBD que disputou o campeonato mundial”, que estreava numa partida difícil contra o Fluminense.¹¹⁴ Para a sorte de Germano, o gol que sofreu foi anulado e Jarbas conseguiu fazer o gol que trouxe a vitória para seu time tornando o Flamengo campeão do Torneio Extra.¹¹⁵ O reforço seguinte foi o veterano e popular Friedenreich, mais conhecido como El Tigre, que desembarcava no Rio de Janeiro com um companheiro, um meio-campo ex-jogador do Corinthians chamado Carlito, que chegava para manter mais compacta a equipe.¹¹⁶ O Flamengo também tentou uma negociação com um dos irmãos de Domingos da Guia, o atacante Ladislau, que atuava nas fileiras do Bangu. O jogador chegou a revelar à imprensa suas “intenções de atuar no quadro profissional rubro-negro, adiantando ainda que contava em obter a rescisão do seu contrato com o clube alvi-rubro”, porém, depois de uma reunião com a diretoria o jogador voltou atrás dizendo que seria “uma injustiça deixar o clube onde se fez”¹¹⁷.

Nada disso seria possível sem dinheiro. Apesar de constatar que a seção de futebol estava trazendo bons frutos para o Flamengo com as rendas dos jogos, a diretoria ainda precisava de uma fonte que pudesse contar com segurança. Por isso, no início do mês de março de 1935, na reunião do Conselho Deliberativo, era feita uma proposta para aumentar o número de sócios. A campanha intitulada de “Mobilização Flamengo” tinha como objetivo principal aumentar o seu quadro social, alcançando a meta de seis mil sócios contribuintes. O clube iria suspender as jóias, que era o valor mais alto a se pagar para ingressar como sócio, e os

¹¹³ “O Flamengo estimula seus cracks”, *Jornal dos Sports*, 23 de Julho de 1935.

¹¹⁴ “Estreia de Germano no arco do Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 10 de Fevereiro de 1935.

¹¹⁵ “Um gol de Jarbas decidiu o Torneio Extra a favor do Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 12 de Fevereiro de 1935..

¹¹⁶ “Friedenreich chegará somente sexta-feira”, *Jornal dos Sports*, 4 de Julho de 1935.

¹¹⁷ “Ladislau contiunará”, *Jornal dos Sports*, 19 de Julho de 1935.

pretendentes pegariam apenas o valor de duas mensalidades e a carteira¹¹⁸. Aprovada sem nenhum problema, a campanha começou a ser divulgada na imprensa no dia 22 do mesmo mês:

A diretoria do Flamengo está empreendendo uma intensiva campanha, no sentido de aumentar seu quadro social que lá conta com um apreciável número de associados. Aproveitando a oportunidade daquela resolução que se encontra em pleno período de execução os dirigentes do gremio rubro-negro oferecerão à imprensa esportiva carioca um *cock tail* amanhã, às 11 horas, em atenção aos serviços prestados a sua causa.¹¹⁹

Numa tentativa de reconciliação com a imprensa, o Flamengo ofereceu um coquetel no qual admitia que sem os jornais não seria possível alcançar seus objetivos. Mostrava, com isso, que a experiência de Flavio Costa e sua caravana tinha sido absorvida pelos dirigentes rubro-negros, que apresentavam uma mudança no comportamento da diretoria que outrora era vista como “inimiga da imprensa”¹²⁰. Por mais que a prática de cortar as jóias para facilitar o ingresso de novos sócios no clube não constituísse novidade, pois o próprio Flamengo já havia usado esse recurso anos antes para enfrentar a crise financeira, sua repercussão e divulgação era agora muito mais ampla. O clube estava tão disposto e empolgado com a campanha que decidiu ampliar seu alcance ocupando “várias estações de rádio, cartazes, fitas de cinema e até aeroplano”¹²¹. Passados quase dois meses do início da campanha o Flamengo encerrava sua “Mobilização” comemorando os mais de 6000 sócios que seu quadro social havia atingido e agradecendo enormemente a imprensa pela parceria:

Incentivada pela imprensa esportiva da capital do país e patrocinada pelo dr. Fernando Pinto, ilustre presidente da prestigiosa Associação de classe que congrega os cronistas de esporte, a “Mobilização” teve o êxito que se poderia esperar de tão valioso apoio que a diretoria agradece, por meu intermédio, registrando-o como um dos melhores serviços prestados ao Flamengo pelo jornalismo carioca.¹²²

Esta relação entre imprensa e Flamengo seria alimentada e fortalecida com o passar do anos, principalmente quando Mario Filho comprou o *Jornal dos*

¹¹⁸ Livro de Atas nº 14 do Conselho Deliberativo do Clube de Regatas do Flamengo. 8 de Março de 1935.

¹¹⁹ “Para aumentar o quadro social do Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 22 de Março de 1935.

¹²⁰ Ver capítulo 1.

¹²¹ “O Flamengo vai ocupar o radio, cinema e até aeroplanos na propaganda da mobilização”, *Jornal dos Sports*, 28 de Março de 1935.

¹²² “Depois da grande mobilização: o Flamengo se encontra com mais de 6000 sócios”, *Jornal dos Sports*, 5 de Maio de 1935.

Sports em 1936 com o apoio financeiro de Arnaldo Guinle, presidente do Fluminense, e de seu cunhado e presidente do Flamengo, José Bastos Padilha¹²³. Como uma forma de engrandecer ainda mais o feito da diretoria rubro-negra o *Jornal dos Sports* colocava a vitória do Flamengo como algo positivo para esporte brasileiro:

E a vitória do Flamengo não significa apenas a vitória de um clube: mas, representa, e isso acentuamos com júbilo, um triunfo do nosso esporte, porque sendo uma das instituições esportivas mais poderosas do Brasil, as conquistas do Flamengo trazem benefícios gerais, pelos seus reflexos.¹²⁴

Por mais que o quadro social rubro-negro tenha quase dobrado o número de sócios em pouco menos de dois meses, o sucesso da “Mobilização Flamengo” não se caracterizava como uma abertura do clube para as classes populares. Pelo contrário, a maioria esmagadora dos novos sócios eram brancos e trabalhavam como advogados, médicos, altas patentes do exército e donos de lojas¹²⁵.

A partir do sucesso da campanha, o Flamengo entrava assim em uma fase de prosperidade. Com o total apoio de seus novos integrantes e a segurança econômica estabelecida, o clube passou a investir mais em outros esportes. Não que o clube estivesse mal em outras categorias. O time de basquete, por exemplo, se tornava tri-campeão carioca no início do ano de 1935¹²⁶, mas com o aumento da renda mensal o clube procurava fortalecer suas equipes em outras modalidades. Sendo assim, o Flamengo inaugurava no dia 10 de julho a sua seção de pugilismo e contratava o boxeador Sebastião Rosas para disputar o campeonato carioca de boxe¹²⁷. Ainda no mesmo mês o clube anunciava a inscrição de 25 atletas numa competição realizada pela Liga Carioca de Atletismo¹²⁸. Posteriormente, o Flamengo ainda iria inaugurar seu novo campo de water-polo, a contratação de

¹²³ RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007. Coutinho também chega a ressaltar a importância da relação entre Padilha e Mario Filho para a divulgação dos projetos do Flamengo. Op. Cit. Renato Coutinho.

¹²⁴ Idem.

¹²⁵ No livro de propostas de contribuintes, a ficha do contribuinte vinha com informações como: idade, sexo, cor, profissão, entre outras. Em certos momentos, fotos dos contribuintes eram grampeadas. *Livro de Propostas de Contribuintes do Clube de Regatas do Flamengo – 1935*.

¹²⁶ “O Flamengo sagrou-se tri-campeão carioca de basquete”, *Jornal dos Sports*, 12 de Janeiro de 1935.

¹²⁷ “O Flamengo inaugurou ontem a sua seção de pugilismo”, *Jornal dos Sports*, 10 de Julho de 1935. Ver também “Sebastião Rosas no Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 28 de Julho de 1935.

¹²⁸ “O Flamengo inscreveu 25 atletas”, *Jornal dos Sports*, 26 de Julho de 1935.

novos remadores e colocaria dois novos projetos em andamento: uma barraca na praia de Copacabana e a criação de uma linha de tiro¹²⁹.

Não demoraria muito para que a “prosperidade do Flamengo” se tornasse, através da imprensa, um exemplo a ser seguido pelos outros clubes. O *Jornal dos Sports*, que agora estava do lado rubro-negro na defesa do profissionalismo¹³⁰, tratava de colocar em suas páginas “a prosperidade excepcional, notável, que se encontra o Flamengo”:

O Flamengo atravessa um momento de vibração de intensa atividade, um período inédito na sua gloriosa história. Jamais os *sports* foram ali cultivados e cultuados com tanto carinho, nunca foi tamanha a operosidade em prol da formação de homens fortes, do robustecimento, da rigidez do nosso rapazio... Em um época de crise, em que a maioria de nossos clubes estão a braços com terríveis déficits, e atravessam situações horríveis, o Flamengo desenvolve-se, gasta mais de vinte contos com a seção de box e concretiza vários projetos, arrojadamente se lança em diversos empreendimentos.¹³¹

A matéria que o jornal esportivo veiculava na manhã do dia 31 de julho se apresenta para nós como algo que expressa muito mais do que um simples elogio e um exemplo a ser seguido pelos outros clubes que se encontravam em um estado financeiro precário. O Flamengo não estava investindo em novos esportes por acaso. Existia um debate na imprensa e no meio intelectual sobre a utilidade da educação física que já vinha sendo discutido desde longa data. O esporte seria, para alguns intelectuais, o caminho para a “formação de homens fortes, do robustecimento, da rigidez do nosso rapazio”, como fez questão de ressaltar o escritor que enaltecia o clube rubro-negro. Visto como uma formação cívica ideal para o fortalecimento do futuro da nação, a educação física, o esporte e principalmente o futebol se mostravam como fator fundamental para o progresso da nação e da “raça” brasileira.¹³² Por isso, no início do ano de 1934 o *Jornal dos Sports* fazia questão de difundir tal idéia:

¹²⁹ “Inaugurando o novo campo de water-polo do Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 14 de Agosto de 1935; “Os novos remadores do Flamengo foram registrados”, *Jornal dos Sports*, 10 de Setembro de 1935; “Uma linha de tiro e uma barraca de praia”, *Jornal dos Sports*, 22 de Novembro de 1935.

¹³⁰ No final do ano de 1934 houve mais uma cisão no futebol carioca. O Vasco teve um desentendimento com o Flamengo e resolveu, junto com o Botafogo e alguns outros clubes, fundarem uma outra liga de futebol. Sendo assim, o Flamengo e o Fluminense foram os clubes escolhidos pela imprensa profissionalista para serem os principais clubes da vanguarda do esporte.

¹³¹ “A prosperidade do Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 31 de Julho de 1935.

¹³² Sobre a discussão do esporte e da educação física serem vistas como um fator da formação de uma nova “raça” de brasileiros ver PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Riode Janeiro: Nova Fronteira,

Um país como o nosso, em que há a intercorrência de várias raças amalgamando-se, com uma ambiência que oferece centros assaz diversos, o problema étnico é de importância capital. Impõe-se o dispensar de cuidados especiais com a formação do tipo brasileiro com a eugenia da nossa raça... Sem alardes, silenciosamente, a Liga de Sports da Marinha vem desenvolvendo louvável atividade em prol da difusão dos esportes na Armada, e, conseqüentemente, do aprimoramento da nossa raça... Se cada unidade do nosso Exército e da nossa Armada, tratasse, empenhadamente, com afinco, de difundir a prática dos esportes entre a população brasileira, teríamos, dentro em pouco, uma população sadia e forte, capaz de explorar todas as riquezas que o nosso rico solo encerra.¹³³

Aos olhos do escritor, existia um “problema étnico” devido a uma “intercorrência de várias raças amalgamando-se” que precisava ser resolvido e caberia ao esporte solucionar essa questão. Neste sentido, era atribuído um significado ao esporte em que este seria um dos pilares para a formação de uma “raça” brasileira mais “sadia e forte” onde os “problemas étnicos” deixariam de existir com o passar das gerações. Para isso, era necessário que o esporte fosse difundido e praticado pela população brasileira, principalmente pelos mais jovens. Como disse, essa linha de pensamento sobre o esporte vinha de longa data e seria muito utilizado pelo governo Vargas. Não foi à toa que era a Liga de Sports da Marinha que desenvolvia a atividade “em prol da difusão dos esportes”. Alguns meses depois dessa notícia, o mesmo jornal publicava em suas páginas uma resposta do próprio presidente que caminhava junto com a sua linha de pensamento:

Em todos os países vanguardeiros da civilização dispensa-se um cuidado todo especial a educação física do povo. O robustecimento da raça, a formação étnica do povo preocupam os governos que criam departamentos especiais, organizam escolas de educação física. Eles veem nos esportes um fator essencial para o desenvolvimento da raça, para a formação de um povo forte... O dr. Getulio Vargas espírito moderno encara o esporte dentro do seu real e indiscutível valor. Há dias num discurso o dr. Getulio Vargas declarou que considerava os esportes como um dos principais fatores determinantes da nossa grandeza da formação de um Brasil novo.¹³⁴

Tornava-se assim um pouco mais claro o real objetivo que o esporte estaria encarregado de atingir: através da prática e do investimento na educação física, Getulio Vargas pretendia formar uma “Brasil novo”. Porém, esse desenvolvimento estava sendo guiado por padrões culturais dos países europeus,

2000. Ver também, HANSEN, Patrícia. *A arte de formar brasileiros*. Revista de História da Biblioteca Nacional. n° 40, Janeiro 2009, p. 80-83.

¹³³ “Pelo desenvolvimento da raça”, *Jornal dos Sports*, 23 de Fevereiro de 1934.

¹³⁴ “O elogio do sport”, *Jornal dos Sports*, 5 de Julho de 1934.

vistos como os “países vanguardeiros da civilização”, e que o Brasil e a construção dessa nova “raça” deveriam caminhar na mesma direção que eles.

O interesse do governo e de Getúlio Vargas pelo esporte e principalmente pelo futebol não foi por acaso. Uma boa parte da sociedade, não só da imprensa, exigia que o esporte e a educação física de modo geral fosse uma política a ser adotada para o aprimoramento da nação. Com base no estudo de médicos higienistas e pedagogos escolanovistas, estes jornalistas que olhavam para o esporte e para a educação física como um elemento fundamental para combater o “problema étnico” iriam repercutindo um discurso que, apesar de incluir o negro e o indígena na formação de uma nova nação, ainda olhavam para sua herança como um fator degradante, negativo, que precisava ser superado através do esporte¹³⁵. O discurso apresentado pelos higienistas, tanto médicos, professores como jornalistas, acabava por diminuir o avanço que os jogadores negros haviam conquistado durante anos de luta contra o preconceito. Ou seja, todo o espaço conquistado em lutas cotidianas por estes jogadores negros e mestiços, que se apresentava de forma mais clara com a profissionalização do futebol e o prestígio que adquiriram no regime profissional, era ameaçado por um discurso que via na herança racial brasileira, da qual eles eram representantes, um problema a ser combatido pela educação física e pelo esporte.

Àquela altura, no entanto, já não se tratava de um discurso consensual, mesmo entre as elites letradas nacionais. Indo contra as teorias raciais que, desde finais do século XIX, tomavam conta dos debates nacionais sobre a presença negra e indígena, um jovem sociólogo revolucionara, no ano de 1933, o jeito de se olhar para a formação da cultura brasileira. No livro *Casa-Grande e Senzala*¹³⁶, Gilberto Freyre, passava a apontar para a herança africana e portuguesa como

¹³⁵ “Os temas da eugenia, da segurança nacional se faziam presentes numa pedagogia publicamente espetacularizante; o jovem ‘sadio’, ‘disciplinado’ e ‘nacional’ era apresentado como condição da modernização do país. As novas disciplinas escolares – entre elas a educação física – e também as práticas médicas dirigidas à criança compunham um conjunto de estratégias voltadas para a pacificação e a disciplinarização de uma parte da população que, uma vez ordenada, poderia garantir, no futuro, a estabilização do regime e a criação de uma sociedade moderna.” Sobre o uso da educação física e do esporte no governo Vargas ver PARADA, Maurício. *Educando Corpos e criando a Nação: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2009.

¹³⁶ Op. cit. Leonardo Pereira, p. 332.

motivo de orgulho, capaz de diferenciar o Brasil de outras nações¹³⁷. Dessa forma, ao atribuir a uma herança cultural e étnica vista antes como um pesado fardo a ser carregado pelo país o autor “invertia a lógica que marcara até então a relação de muitos intelectuais com suas práticas e tradições”, como afirmou Pereira. Dentre os intelectuais que seguiram a sua linha de pensamento estavam os famosos Mario Filho e José Lins do Rego, que expressavam em seus livros e crônicas a brasilidade do negro, principalmente no futebol, que era visto por estes intelectuais e por Freyre como um esporte que demonstrava e afirmava “o nosso estilo de jogar”, a importância que a mestiçagem trazia para o povo brasileiro e que se diferenciava dos europeus “por um conjunto de qualidades de surpresa, manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual”¹³⁸.

Pois era em meio a tais disputas letradas sobre o valor da miscigenação que o Flamengo daria forma a um novo time de futebol, capaz de representar nos campos tanto o projeto de expansão assumido por sua diretoria quanto as reivindicações e direitos defendidos por seus jogadores. Se tanto a teoria higienista sobre o valor da educação física e do esporte para o desenvolvimento do povo brasileiro quanto a nova abordagem de Gilberto Freyre sobre a positividade da mestiçagem brasileira seriam, de certa forma, incorporadas pelo clube rubro-negro, a popularidade já alcançada pelo futebol naquele momento – expressa em episódios como a viagem do time a Bangu – fazia com que fosse a partir dele que o clube apresentaria uma resposta esportiva para a questão.

Esta resposta se articula de forma mais clara em março de 1936, quando diretoria do Flamengo apresentava, em uma reunião com figuras importantes da imprensa, o seu “gigantesco plano”. O sr Bastos Padilha, depois de agradecer a imprensa pelo grande apoio em seus últimos projetos, comunicava aos presentes sobre a campanha para a construção da “praça de esportes” do rubro-negro.¹³⁹ O projeto havia estipulado um prazo de 45 dias para conseguir alcançar o número de 60 novos sócios proprietários, meta que foi alcançada em apenas 3 dias, somando

¹³⁷ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “No ritmo do Vagalume: culturas negras, associativismo dançante e nacionalidade na produção de Francisco Guimarães (1904-1933)”. *Revista Brasileira de História*. Vol.35, no. 69. Jan./jun. 2015.

¹³⁸ Apud Leonardo Pereira, op.cit. p. 333.

¹³⁹ “Surgirá na Gavea uma grande praça de sports”, *Jornal dos Sports*, 15 de Março de 1936.

um total de 300:000\$000.¹⁴⁰ Cinco dias depois o Flamengo já apresentava 143 novos sócios proprietários, uma quantia de 615:000\$000, o que permitia a construção do seu estádio sem pedir nenhum empréstimo.¹⁴¹

Se o projeto da construção do estádio era de extrema importância para o Flamengo, naquele momento ele se alicerçava em uma mudança de postura em relação ao futebol que marcaria definitivamente a história do clube. Mais do que aceitar o profissionalismo e atender às demandas dos jogadores, a diretoria passa a fazer deles seus principais atrativos, como meio de aumentar suas rendas. Para isso, planeja a criação de um time mais forte, composto pelas mais conhecidas estrelas negras do futebol nacional. No início do ano de 1936, depois de já ter fechado contrato com Otto no final do ano anterior, era a vez de Médio, outro dos irmãos de Domingos da Guia, vestir a camisa vermelho e preto.¹⁴² No mês de maio era a vez do famoso Fausto, mais conhecido como a “Maravilha Negra”, ser contratado pelo clube¹⁴³. Dois meses depois, contratado junto ao Botafogo por um preço módico após os constantes desentendimentos do jogador com sua diretoria, Leônidas da Silva, o “Diamante Negro”, chegava ao clube¹⁴⁴. Os dois últimos jogadores, porém não menos importantes, foram Domingos da Guia e seu irmão Ladislau, que o Flamengo já havia tentando a contratação em 1935¹⁴⁵.

Configurava-se, ao fim deste processo, uma nova imagem para o Flamengo, expressa por um time negro e mestiço, representado pelos maiores e mais conhecidos ídolos negros do período. Domingos era considerado na época o melhor zagueiro do Brasil e Ladislau um dos melhores centroavantes e goleadores que disputavam o campeonato carioca de futebol. Tendo em comum o seu brilhante futebol e o tom de pele escuro, todos estes novos jogadores - junto com Jarbas, que já fazia parte do time – apresentavam uma característica capaz de singularizar o Flamengo frente aos outros times cariocas do período. Acostumados a torcer nas décadas anteriores para jogadores brancos, normalmente estudantes universitários, os torcedores cariocas passavam assim a

¹⁴⁰ “O prestígio do Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 19 de Março de 1936.

¹⁴¹ “143 novos sócios proprietários”, *Jornal dos Sports*, 26 de Março de 1936.

¹⁴² “Médio, o half do Bangu que pleiteia daquele grêmio o atestado liberatório”, *Jornal dos Sports*, 20 de Maio de 1936;

¹⁴³ “Fausto definitivamente no Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 9 de Maio de 1936.

¹⁴⁴ “Leonidas deseja”, *Jornal dos Sports*, 9 de Julho de 1936.

¹⁴⁵ “Domingo já é rubro-negro”, *Jornal dos Sports*, 1 de Agosto de 1936; e “Ladislau contratado pelo Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 16 de Outubro de 1936.

ter no time rubro-negro uma amostra do espaço que os jogadores negros conquistaram no futebol. Leônidas, Fausto, Domingos, Médio, Otto, Jarbas e Ladislau passavam assim a representar, no quadro principal do time rubro-negro, a nova identidade nacional mestiça que Gilberto Freyre expressava em sua obra, criando o vínculo necessário para a construção da identidade popular do Flamengo.

Capítulo 4 – Preto, vermelho, verde e amarelo

Não era apenas negra e mestiça a imagem que o Flamengo tentava projetar em meados da década de 1930. Ao escolher aquele conjunto de jogadores para seu time, sua diretoria respondia, de forma singular, a um esforço presente em várias outras atividades desenvolvidas pelo clube no período: a tentativa de afirmar sua marca nacional, ao mesmo tempo em que se tentava incrementar a popularidade do clube. A comparação entre os diferentes meios de afirmação destes projetos evidencia, no entanto, os limites da aceitação desses diretores em relação às ideias miscigenadas da nacionalidade colocadas então no debate. Por isso, este último capítulo busca enfatizar tanto as ações da diretoria do Flamengo que dialogavam diretamente com o projeto do governo de construção de uma nova identidade nacional quanto o modo pelo qual elas foram transformadas com o tempo pela força e popularidade dos atletas de seu time – de modo a analisar como os próprios jogadores negros que representavam o Flamengo nos campos ajudaram a construir uma marca popular para o clube.

O esforço da diretoria em afirmar esta marca nacional se expressaria em atitudes como aquela tomada em outubro de 1936 por sua diretoria – que mandou distribuir, “por ocasião da sensacional partida com o Fluminense”, 10.000 exemplares do hino nacional afim de “ser cantado pela assistência, com o concurso de duas bandas de música”, antes do início da partida¹⁴⁶. Tal atitude do Flamengo não surgiu do nada. O governo havia convertido em lei um projeto “obrigando as equipes esportivas a cantar o ‘Hino Nacional’ antes de iniciar as competições” e o C.R. do Flamengo quis ter “a primazia do lançamento dessa idéia”¹⁴⁷. O *match* deixava de ser apenas uma partida entre Flamengo e Fluminense para se transformar numa “cerimônia cívica de enorme expressão patriótica”. Além do inédito hino nacional sendo cantado por todos os presentes a partida ganhava a presença ilustre do presidente Getulio Vargas¹⁴⁸. No jogo seguinte contra o América, o hino nacional foi cantado novamente, desta vez, sem

¹⁴⁶ “O Flamengo o Hymno Nacional”, *Jornal dos Sports*, 9 de Outubro de 1936.

¹⁴⁷ “Um espetáculo cívico”, *Correio da Manhã*, 9 de Outubro de 1936.

¹⁴⁸ “O chefe da Nação estará presente esta tarde”, *Jornal dos Sports*, 11 de Outubro de 1936.

muito alarde, visto apenas como “um ato expressivo” que marcava o cumprimento da lei¹⁴⁹.

Em novembro, de modo semelhante, a diretoria preparava uma enorme diversidade de eventos para comemorar o seu 41º aniversário de fundação, a chamada “quinzena rubro-negra”. No primeiro dia do mês se iniciava os festejos comemorativos com um desfile atlético no terreno do Morro da Viúva¹⁵⁰, onde foram distribuídos prêmios para alguns atletas. Logo depois, na sede do Flamengo, ocorreu uma outra cerimônia onde Bastos Padilha felicitou os seus consócios e terminou por prestar à Associação de Cronistas Desportivos “uma particular homenagem na pessoa de seu presidente Gerson Bandeira, que ali se encontrava”. Em resposta, o presidente da A.C.D. elogiou o clube rubro-negro e sua administração, salientando “o muito que o Flamengo tem feito pelos esportes e pela eugenia da raça”. Para terminar esse primeiro dia de eventos, o Flamengo distribuiu aos seus atletas algumas medalhas que em uma das faces possuía a “efígie do atleta rubro-negro”, na outra o ano com uma legenda ao alto: “Servi como Flamengo ao Brasil”¹⁵¹.

Se tais atitudes nacionalistas pareciam se coadunar com a escolha de um time de futebol de perfil mestiço, outros episódios se encarregariam de evidenciar a tensão presente na relação entre a afirmação nacional do Flamengo e a opção por um time formado por afrodescendentes para representa-lo nos campos. É o que se nota em 1936, por ocasião de uma convocação da diretoria do clube para que “todos os associados do quadro de atleta a comparecerem na *garage* de sua sede” para participar da parada esportiva do Dia da Pátria. O departamento de futebol também convocaria seus jogadores para se apresentarem no grande evento. Apesar do quadro rubro-negro já contar com grandes jogadores como Leônidas, Fausto e Domingos, no entanto, os que foram selecionados para o evento foram outros: Raymundo, Germano, Carlos Alves, Barbosa, Pompeu, Nelson, Motta, Beraldo e Cheto¹⁵². Mesmo que a escolha da equipe evidenciasse uma tentativa de vincular o nome do Flamengo ao discurso nacionalista mestiço do governo, ainda

¹⁴⁹ “Dois a dois o placard da luta de invictos”, *Jornal dos Sports*, 15 de Outubro de 1936.

¹⁵⁰ Terreno este que o clube recebeu do governo federal no dia 22 de dezembro. Para saber um pouco mais sobre este assunto, ver Renato Coutinho, *Um Flamengo grande, um Brasil maior*, op. cit.

¹⁵¹ “Brilhante, desfile atletico do Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 3 de Novembro de 1936.

¹⁵² “Parada sportiva no Dia da Pátria”, *Jornal dos Sports*, 5 de Setembro de 1936.

sobressaía, colhendo com isso os frutos financeiros desta escolha, a continuidade do conservadorismo elitista enraizado em sua história. Para um evento tão significativo como o Dia da Pátria o Flamengo não convocava seus principais atletas negros, dando espaço para seus atletas brancos desfilarem¹⁵³.

Ao mesmo tempo em que tentava afirmar esta marca nacional, no entanto, a diretoria do Flamengo, até como forma de alcançá-la – de modo a aumentar ainda mais a popularidade do clube – tratava de se aproximar dos meios de comunicação. O *Jornal dos Sports*, em especial, já havia naquele momento virado um dos principais aliados do clube. Após testemunhar o auxílio imenso que Flavio Costa teve ao ir à imprensa convocar a torcida rubro-negra para assistir os jogos do seu time, a diretoria percebia que suas atitudes iniciais em relação aos jornais traziam problemas e limitações. O ideal era fazer o maior número de amigos na imprensa para que o clube fosse bem falado, afinal, o jornal era um dos principais veículos de comunicação da época. Como forma de ampliar suas relações com os jornais, Padilha fez inúmeras homenagens¹⁵⁴, dizendo que suas ações foram “em muito facilitadas pelo apoio que dispensara a imprensa, que a princípio, não o compreendera bem”¹⁵⁵. Em pouco tempo a situação do clube nos jornais, principalmente no *Jornal dos Sports*, se transformaria de inimigo para “um grande amigo da imprensa”¹⁵⁶.

Preocupado em atingir um maior número de pessoas, o rádio também seria outro meio de comunicação procurado pelo clube para alcançar seus objetivos. A Rádio Cruzeiro do Sul, em um programa dirigido por Ary Barroso, recebeu o presidente do rubro-negro para falar sobre “o passado, o presente e o futuro do Flamengo”. A visita fez parte dos “seis minutos do Flamengo”, que cada dia da semana receberia um novo rubro-negro para falar ao microfone. Padilha fez um pequeno discurso que se misturava com a proposta do governo Vargas: “o gigante feliz que trabalha fazendo atletas, educando homens”. Para terminar, mostrava a

¹⁵³ Em uma foto publicada no *Jornal dos Sports* é possível ver boa parte do “contingente do C.R. do Flamengo fez desfilas nas comemorações”. Todos atletas brancos. “Os clubs sportivos no Dia da Pátria”, *Jornal dos Sports*, 8 de Setembro de 1936.

¹⁵⁴ Em um determinado momento a diretoria do Flamengo ofereceu um gabinete médico para a Associação de Cronistas Desportivos. “Flamengo consolida amizade com os jornalistas”, *Jornal dos Sports*, 4 de Março de 1936.

¹⁵⁵ “A homenagem”, *Jornal dos Sports*, 13 de Fevereiro de 1936.

¹⁵⁶ “Flamengo, o amigo da imprensa”, *Jornal dos Sports*, 5 de Março de 1936. Ver também “Um grande amigo da imprensa”, *Jornal dos Sports*, 9 de Abril de 1936.

influência que este discurso nacionalista exercia em sua nova forma de olhar para o clube, um Flamengo que deveria servir a nação:

“Mas há algo de maior dentro do seu ser, foi o que ele ensinou a todos os flamengos – bastava que nos rasgássemos o peito deste gigante rubro-negro e veríamos escrito em seu coração: ‘tudo pelo meu querido Brasil’”¹⁵⁷.

A diretoria não foi a única a agir nas rádios. Por volta de 1936, Flávio Costa, técnico do Flamengo, e Hilton Santos conseguiram um espaço de vinte minutos dentro do “único programa específico sobre futebol na Rádio Clube do Brasil, para falar exclusivamente do Flamengo”¹⁵⁸. Criava-se a *Hora Rubro-negra*, que teve como principais integrantes alguns dos jogadores do time, sem contar com o próprio técnico.

Todo essa parceria entre a imprensa e Flamengo se consolidaria ainda mais com alguns concursos feitos para o público. No final do ano de 1936, o próprio *Jornal dos Sports*, que já tinha Mário Filho como seu dono, preparava a “Competição das Torcidas”. Embasada nas “torcidas americanas”, que possuíam chefes de torcida que comandavam através de megafones “gestos que devem ser feitos, *hurran* que devem ser gritados”, a competição tinha como objetivo estimular as torcidas cariocas. Contudo, a competição não era aberta para todas as torcidas. O periódico escolheu os três jogos em que se enfrentariam Flamengo e Fluminense “porque o cotejo dos maiores rivaes do futebol carioca representou, sem dúvida, a atração número um da temporada, reunindo o maior número de torcedores”¹⁵⁹. Na ocasião, Flamengo e Fluminense disputavam a melhor de três para ver quem ficaria com o título de campeão carioca. É certo que o *Jornal dos Sports* havia demonstrado, desde 1933, que era totalmente a favor do profissionalismo, e os clubes considerados grandes como Vasco e Botafogo se encontravam fora da L.C.F., por isso, outro motivo forte para a escolha do Fla-Flu.

Apesar do primeiro jogo ter sido adiado duas vezes por conta de uma chuva forte, as torcidas não desistiram e compareceram na partida que deu início a

¹⁵⁷ “Tudo pelo Flamengo, tudo pelo Brasil”, *Jornal dos Sports*, 11 de Novembro de 1936.

¹⁵⁸ Sobre a relação Flamengo e rádio, ver André Ribeiro, *Os donos do espetáculo*, op. cit.

¹⁵⁹ “Jornal dos Sports patrocinará a competição das torcidas”, *Jornal dos Sports*, 9 de Dezembro de 1936.

grande competição¹⁶⁰. “O estádio em peso vibrou com a competição das torcidas”, estampava a primeira página do periódico esportivo. Pouco importava o placar disputado de dois a dois no “clássico das multidões”, o que o jornal fazia questão de mostrar era a batalha fora do campo, entre as torcidas. Enquanto os flamenguistas chamavam seus adversários de “pó-de-arroz”, os tricolores chamavam os flamenguistas de “negros-rubros”, fazendo menção aos jogadores negros do Flamengo¹⁶¹. Durante a partida, uma faixa foi estendida pela torcida flamenga com os dizeres: “Fla – Grito da Mocidade, Flu – Bonequinha de seda, C.B.D. – João Ninguém”¹⁶². Esses três títulos se referiam a filmes da época e foram revestidos em críticas esportivas pelos torcedores, dando ênfase ao Grito da Mocidade, que começava a ser associado ao sentimento flamengo. No dia 1 de janeiro de 1937 saiu o resultado final. O Flamengo perdeu o campeonato carioca mas levava para o currículo o título de “maior torcida”. A comissão julgadora, composta por Anníbal Pereira Bastos, presidente do Bonsucesso, Pedro Magalhães Corrêa, presidente do América, Gerson Bandeira, presidente da A.C.D. e Mario Rodrigues Filho, diretor do *Jornal dos Sports*, concluíram de forma unânime que o Flamengo deveria ser o campeão da competição. O presidente do América chegou a comentar que “foram duas torcidas magníficas – a do Flamengo maior, movimentando uma massa popular bastante mais elevada”¹⁶³. Gerson Bandeira atentou para o mesmo ponto, destacando que “no Flamengo, a torcida fora mais popular, podendo dividir-se o estádio em duas partes: o Fluminense com a sua arquibancada social e o Flamengo com as arquibancadas e geraes”.

A amizade entre *Jornal dos Sports* e Flamengo ia crescendo e se fortificando com o passar do tempo, dando espaço para outros concursos. Já no início do ano de 1937 o Flamengo, em parceria com o *Jornal dos Sports* e *O Globo*, preparava mais um concurso, desta vez destinado especificamente para crianças de 9 à 15 anos de idade. Para participar era simples: bastava recortar um

¹⁶⁰ “Apenas 24 horas para o Fla-Flu.. Duas vezes adiado”, *Jornal dos Sports*, 19 de Dezembro de 1936.

¹⁶¹ A torcida do Fluminense, ainda fiel ao princípio de evitar a presença de jogadores negros em seu time, passava a responder os insultos de “pó-de-arroz” chamando os torcedores rubro-negros de “pó-de-carvão”, ou até mesmo “negros-rubros”, como foi citado no texto. Leonardo Pereira, *Footballmania*, op.cit.

¹⁶² “A competição das torcidas fez vibrar a multidão do Fla-Flu”, *Jornal dos Sports*, 22 de Dezembro de 1936.

¹⁶³ “Flamengo venceu a grande competição das torcidas”, *Jornal dos Sports*, 1 de Janeiro de 1937.

selo que se encontrava nos jornais patrocinadores e envia-lo para o endereço certo com uma frase que deveria conter obrigatoriamente duas palavras: Flamengo e Brasil¹⁶⁴. No decorrer dos meses de março e abril foram enviadas milhares de cartas com as frases mais diversas. O slogan do concurso mostrava claramente a relação que a diretoria queria estabelecer: “Hoje criança flamenga, amanhã homem do Brasil”. Mário Filho, em uma de suas declarações sobre o sucesso do concurso, reafirmava a relação:

Brasilidade – é o traço marcante da alma rubro-negra: toda a trajetória do Flamengo tem sido marcada por um vivo sentimento de brasilidade. É o traço predominante da alma rubro-negra. E isto é geralmente reconhecido na comunhão esportiva nacional. Basta folhear a correspondência referente ao grande concurso¹⁶⁵.

Em maio saía o resultado e as crianças mostraram que “aprenderam o sentido e a grandiosidade da campanha”. As frases vencedoras foram escolhidas pelos juízes, Padilha, Mario Filho e Gerson Bandeira com muita precisão. Até mesmo o fato de criar uma frase com as palavras Brasil e Flamengo já era algo extremamente tendencioso. No fim, as frases vencedoras foram: “O Flamengo ensina: amar o Brasil sobre todas as coisas”, do menino Marcio Lyra de apenas 13 anos, e “Um Flamengo grande, um Brasil maior”, da menina Maria de Lourdes de Magalhães, de apenas 11 anos¹⁶⁶. O Flamengo mostrava através dos concursos que suas ações de marketing estavam dando certo e que as pessoas começavam a relacionar o sentimento de ser brasileiro com ser rubro-negro.

No mesmo período do concurso e também exaltando os valores nacionalistas o clube rubro-negro lançava um programa gigantesco nunca antes visto. O programa exposto por Padilha nos jornais tinha como objetivo “educar uma geração inteira, de milhares de crianças, que serão o Flamengo de amanhã”. O clube disponibilizaria aos filhos de seus sócios aulas de educação física e moral para que desde pequenos aprendessem a “assumir a responsabilidade de seus atos, a dirigir, a pensar de acordo com a mais severa educação esportiva, ao mesmo tempo que cuidará de seus músculos”. Dividido em partes, o programa atenderia primeiramente os seus sete mil e seiscentos sócios e depois abriria para os não

¹⁶⁴ “Hoje criança flamenga, amanhã homem do Brasil”, *Jornal dos Sports*, 2 de Março de 1937.

¹⁶⁵ “Brasilidade é um traço marcante da alma rubro-negra”, *Jornal dos Sports*, 9 de Março de 1937.

¹⁶⁶ “Foi um acontecimento o desfecho do concurso do Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 4 de Maio de 1937.

sócios, tendo como grande proposta ser totalmente de graça. Para finalizar, Padilha apontava para o valor do seu programa:

O maior beneficiado desses empreendimento gigantesco será o Brasil e é pensando no Brasil e no Flamengo que realizaremos a obra ainda não tentada por nenhum clube¹⁶⁷.

Mais uma vez o *Jornal dos Sports* fazia a propaganda do Flamengo, ressaltando o “programa maravilhoso em tudo, digno do espírito dinâmico de Bastos Padilha e do entusiasmo construtivo que é característico do grande clube”. A notícia do dia seguinte destacava o problema mais profundo e que “todas as grandes nações modernas tiveram de atacar e resolver”, que o programa rubro-negro iria enfrentar: “a educação física metódica e nacional, em massa”¹⁶⁸. Ao longo do texto o autor defendia o esporte e a educação física como um elemento fundamental para o “engrandecimento de nossa raça”, e que, por nossos atletas não terem tido essa educação desde a infância se mostravam inferiores em relação aos atletas de outros países. Desta forma o programa do Flamengo se ligava fortemente com o sentimento nacional e o discurso de que o esporte e a educação física eram um dos principais caminhos para alcançar uma nação forte e que pudesse competir com os países “modernos” de forma igual.

Àquela altura, no entanto, estas ideias sobre as melhorias eugênicas trazidas pelo esporte para os problemas da formação racial brasileira já se colocavam lado a lado a propostas como a de Freyre – gerando um quadro de confusão que se expressou muitas vezes nas respostas diferentes dados pela diretoria e pela torcida do Flamengo a este impulso de afirmação nacional. Estas se expressam, por exemplo, quando o Flamengo deu início em 1936 ao um “concurso fotográfico” em parceria com o *Jornal dos Sports*, que buscava premiar a “melhor fotografia sobre qualquer atividade do Flamengo, social ou esportiva, sobre qualquer acontecimento, do mais sensacional ao que, aparentemente, tenha menos significado”. Os prêmios totalizavam um valor de dois contos de réis e para julgar o concurso “será nomeada uma comissão de cinco membros: uma da

¹⁶⁷ “O Flamengo educará milhares de crianças em 37”, *Jornal dos Sports*, 12 de Fevereiro de 1937.

¹⁶⁸ “Pelo Flamengo, pelo Brasil”, *Jornal dos Sports*, 13 de Fevereiro de 1937.

A.B.I., um da A.C.D., um do Flamengo, um do *Jornal dos Sports*, e um técnico fotográfico”¹⁶⁹.

Durante quase dois meses foram enviadas muitas fotos e algumas delas publicadas nas páginas do periódico. No dia 17 de novembro, por exemplo, a praça de esportes do C.R do Flamengo, na Gávea, se transformava em palco para “uma cerimônia cívica de rara expressão”. A entrega do pavilhão de Tiro de Guerra do rubro-negro por Gustavo de Carvalho reuniu uma elevada parcela de associados, familiares e adoradores do “mais querido do Brasil”. O evento virou motivo para os fotógrafos tentarem capturar a foto vencedora do concurso. A foto publicada na reportagem destacava os militares enquanto o público bem vestido observava a cerimônia. O título da fotografia passava a idéia que a diretoria queria atingir: “Uma vez Flamengo, sempre Flamengo... Tudo pelo Brasil”¹⁷⁰.

Todas as objetivas do Rio focalizavam a vida intensa do Flamengo, e centenas de fotos foram tiradas e publicadas. Sintomaticamente, grande parte delas não incluía torcedores negros e trabalhadores – como aquelas de uma jovem branca derramando champagne para benzer o barco que o Flamengo recebeu da Alemanha¹⁷¹; a de duas crianças brancas pintando uma pipa do Flamengo com os dizeres: “Bem alto como o Flamengo”¹⁷²; a de uma senhora branca, costurando um escudo do Flamengo na camisa de uma criança, que esperava ansiosamente pelo final¹⁷³; uma foto tirada de Roberto Marinho, que estaria “torcendo pelo Flamengo” em uma partida contra o Fluminense¹⁷⁴; ou a de duas jovens mulheres brancas olhando para o escudo do Flamengo enquanto outras duas jovens olhavam para jóias, dando a entender que o Flamengo seria mais importante que a própria riqueza material¹⁷⁵. Mesmo as que colocavam pessoas negras como protagonistas da foto traziam-nas como estereótipos de bandidos, como foi o caso da intitulada

¹⁶⁹ “Um conto de réis pela melhor fotografia sobre o Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 7 de Novembro de 1936.

¹⁷⁰ “Cresce o entusiasmo pelo concurso fotográfico do Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 17 de Novembro de 1936.

¹⁷¹ “Todas as objetivas focalizam a vida intensa do Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 18 de Novembro de 1936.

¹⁷² “Centenas de concorrentes para o concurso fotográfico do Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 20 de Novembro de 1936.

¹⁷³ “Mais de mil chapas no concurso fotográfico do Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 21 de Novembro de 1936.

¹⁷⁴ “Torcendo para o Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 25 de Novembro de 1936.

¹⁷⁵ “A maior exposição fotográfica do Brasil”, *Jornal dos Sports*, 27 de Novembro de 1936.

“atira que eu sou homem”. Colocando dois homens negros em um beco, um armado e o outro não, o jornal destacava a “popularidade do rubro-negro, grêmio que tem adeptos fervorosos em todas camadas sociais”¹⁷⁶. Obviamente o torcedor do Flamengo não seria representado pelo homem armado e o escudo do Flamengo que estava com o outro homem faria com que a arma não disparasse.

O concurso se encerrou no dia 22 de dezembro e o julgamento foi feito na sede da A.B.I. às 18 horas do mesmo dia¹⁷⁷. Apesar de ser aberto ao público, tanto para profissionais como para amadores, o concurso não era para todos, visto que uma câmera fotográfica para aquele período não era algo de fácil acesso. As fotos revelaram, na maioria das vezes, como o nome do Flamengo ainda não estava tão ligado com o povo, mas aquela pequena parte mais elitizada da sociedade. Entretanto, a foto escolhida pela comissão julgadora de forma unânime foi a do fotógrafo alemão Hans Peter Lange, que trazia um pedreiro negro como destaque. Intitulada por Lange como “construindo o estádio do Flamengo”, a foto vitoriosa era muito emblemática. Além de forçar uma relação maior com as classes populares, significava o crescimento do Flamengo com a ajuda do povo.¹⁷⁸

No ano seguinte, devido ao sucesso e ao grande número de fotos recebidos pela comissão julgadora, a diretoria dava continuidade ao concurso. Desta vez, iniciando-se em outubro, portanto não fazendo mais parte dos festejos comemorativos da “quinzena rubro-negra”, e tendo o valor total em prêmios do concurso aumentado de dois para três contos de réis, era de se esperar que a quantidade de participantes aumentasse¹⁷⁹. O concurso teve um sucesso tremendo e a quantidade de fotos recebidas bateu a da primeira edição¹⁸⁰. A comissão julgadora, composta apenas por José Bastos Padilha e Mario Filho, analisou as mais de mil chapas entregues e definiu o primeiro colocado: Altair Lima, com sua fotografia intitulada “Confundidas na expressão do mesmo símbolo de

¹⁷⁶ “Atira que eu sou homem”, *Jornal dos Sports*, 3 de Dezembro de 1936.

¹⁷⁷ “Encerrado o sensacional concurso fotográfico do Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 22 de Dezembro de 1936.

¹⁷⁸ O segundo lugar coube a Leandro Sant’Anna com a sua foto “Bem alto como o Flamengo”, aquela citada anteriormente onde as crianças preparavam uma pipa do escudo rubro-negro. “Hans Peter Lange, o vencedor do concurso fotográfico do Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 23 de Dezembro de 1936.

¹⁷⁹ “Flamengo repetirá o sensacional concurso fotográfico”, *Jornal dos Sports*, 19 de Outubro de 1937.

¹⁸⁰ “Exitos magnífico do concurso fotográfico do Flamengo”, *Jornal do Sports*, 21 de Dezembro de 1937.

brasilidade”¹⁸¹. Mostrando um homem segurando as bandeiras do Brasil e do Flamengo, o título e a foto indicavam a vitória daquilo pelo que a diretoria tanto batalhou para conseguir: o Flamengo como clube representante da nação.

Através de campanhas como estas, a diretoria do Flamengo deixava clara sua tentativa de relacionar o nome do clube com o do Brasil, de modo a torna-lo um representante legítimo do espírito de brasilidade. Tratava-se, porém, de um esforço socialmente restrito, dado o recorte particular de torcedores que ele poderia atingir. Por mais que tenham todo sucesso na afirmação nacional do clube, tais iniciativas não chegavam a constituir uma relação de pertencimento, de representatividade, capaz de representar efetivamente as classes pobres da sociedade. Para além dos projetos nacionalistas patrocinados pela diretoria rubro-negra, era mesmo através do time que passavam a representar o clube nos campos que essa afirmação nacional acabou por se fazer mais efetiva.

A força simbólica daquele time se articulava, naquele momento, a partir do prestígio pessoal que cada um dos jogadores escolhidos para ele já desfrutavam entre os torcedores negros e mestiços. Não por coincidência, quando Fausto chegou para treinar pela primeira vez com o time rubro-negro, em 1936, “despertou um interesse muito maior entre os adeptos do prestigioso clube”. O campo da Gávea se encheu de admiradores e sócios do Flamengo interessados “em presenciar a atuação daquele jogador profissional”¹⁸². Já famoso por seu excelente futebol e por sua personalidade forte, tinha desde 1930 o apelido de “Maravilha Negra”, dado pela crônica esportiva uruguaia. Em 1931 fez uma excursão com o Vasco da Gama pela Europa sendo convidado a jogar no Barcelona, na Espanha. Passou por outros times na Europa, jogou no Nacional de Montevideo e recebeu vários elogios da imprensa estrangeira¹⁸³. Quando chegou no Flamengo se criou uma dúvida sobre seu condicionamento físico que inicialmente foi superada pelos seus companheiros. Marin deu uma entrevista dizendo que era “ainda o mesmo Fausto”, lembrando “o Fausto daquelas

¹⁸¹ “Altair Lima, o primeiro colocado no concurso fotográfico do Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 22 de Dezembro de 1937.

¹⁸² “Alemão, Fausto e Otto, o trio médio que surge em nossas canchas”, *Jornal dos Sports*, 20 de Março de 1936.

¹⁸³ Leonardo Pereira, *Footballmania*, op. cit. e Renato Coutinho, *Um Flamengo grande, um Brasil maior*, op. cit.

performances extraordinárias que o colocou como primeira figura em campo”¹⁸⁴. Era assim o prestígio pessoal de Fausto, que o jogador faz questão de mostrar que continuava o mesmo, que garantia sua popularidade e a de time que ele jogava.

Logo depois de Fausto era a vez de Leônidas chegar no time. O jogo do Flamengo contra o América Mineiro, que já havia ganhado a primeira partida disputada entre eles, trazia uma “atração sensacional”. Leônidas estava cotado para estreiar com a camisa rubro-negra e “só essa novidade bastaria para acentuar o interesse que está despertando o *match*”¹⁸⁵. Apesar de Médio também fazer sua estréia no jogo contra o América Mineiro, era o “malabarista da pelota” que trazia a importância para a partida, demonstrando sua enorme popularidade. Conhecido como “Diamante Negro” também era muito famoso por suas habilidades futebolísticas. Antes de entrar para as fileiras do Flamengo, passou por vários clubes cariocas: Bonsucesso, Botafogo e Vasco. Recusou o convite do América para ingressar no time dizendo que “o elemento de cor que entra num grande clube nunca é bem recebido”¹⁸⁶. Sua história no futebol se misturava com a luta diária contra o racismo, e depois de um desentendimento com a diretoria do Botafogo, que também apresentava atitudes preconceituosas com o atleta, achou melhor tentar crescer no Flamengo¹⁸⁷. Sua antiga afirmação de que o jogador negro não era bem recebido em clubes grandes caíra por terra alguns meses depois, em uma partida contra o seu antigo clube Bonsucesso. Uma iniciativa de “associados e adeptos do grêmio da Gávea que visa premiar os esforços daqueles que são dedicados ao clube” entregava ao jogador um escudo de ouro, que valia como o título de “cidadão rubro-negro”, uma atitude inédita da torcida flamenga¹⁸⁸. Leônidas havia, com pouco tempo de Flamengo, conquistado aqueles antigos torcedores rubro-negros que não aceitavam jogadores negros em seu time¹⁸⁹.

¹⁸⁴ “É ainda o mesmo Fausto”, *Jornal dos Sports*, 28 de Março de 1936.

¹⁸⁵ “Flamengo e América Mineiro”, *Jornal dos Sports*, 17 de Junho de 1936.

¹⁸⁶ Apud Leonardo Pereira, *Footballmania*, op. cit.

¹⁸⁷ Sobre a história de Leônidas da Silva ver RIBEIRO, André. *O diamante eterno: biografia de Leônidas da Silva*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999. Ver também Leonardo Pereira, *Footballmania*, op. cit.

¹⁸⁸ “A energia e disposição do Bonsucesso valeram o empate com o Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 8 de Setembro de 1936.

¹⁸⁹ Em 1933 alguns torcedores do Flamengo foram aos jornais protestar contra Jarbas e Gradin, dois jogadores negros que iriam viajar com a equipe para o Uruguai e para Argentina. O argumento utilizado pelos torcedores era de que “Jarbas e Gradin nunca deviam vestir a gloriosa camisa preto

Domingos da Guia, “o maior zagueiro sul-americano” aparecia em agosto para estreiar justamente contra o Fluminense, grande rival do Flamengo, trazendo “ainda mais importância ao que será realizado no Estádio Guanabara”¹⁹⁰. Nas palavras de Flávio Costa, “Domingos era um monstro sagrado”, “um jogador que deveria ter um monumento no Maracanã”¹⁹¹. Domingos fechou o contrato com o Flamengo, um dos mais caros pra época, vindo do Boca Juniors da Argentina¹⁹². O zagueiro que já havia jogado com Fausto e com Leônidas no Vasco da Gama se sentia entre amigos e não sentia muita pressão. Apesar da expectativa criada pela torcida, a atuação de Domingos foi bem rápida. Um choque com Hércules abriu seu supercílio e o jogador teve que ser atendido fora de campo. Domingos voltou a jogar mas ao cabecear a bola o machucado abriu novamente fazendo com que o jogador ficasse definitivamente fora da partida¹⁹³.

Em novembro, no mês do aniversário do Flamengo, “a torcida do rubro-negro entregou um ‘*corbeile*’ ao quadro”. Médio, Ladislau, Domingos, Leônidas, Marin e Yustrich recebiam do clube escudos de ouro cravejados de brilhantes. Depois desse ato foi a vez dos torcedores entregarem o corbeile ao time, numa demonstração que reafirmava a confiança nos seus atletas¹⁹⁴. Os jogadores negros que haviam chegado em pouco tempo mostravam que a postura de certos torcedores teria mudado, contribuindo para a mudança de atitudes da diretoria. Não que a parte interna do clube tivesse mudado por completo e o preconceito e as disputas de interesse tivessem terminado, mas a atuação desses jogadores e sua popularidade faziam com que a diretoria voltasse atrás em alguns momentos. Anos depois, Mario Filho revelava em seu livro *Histórias do Flamengo* a moral que Leônidas tinha atingido com os seus torcedores:

Quando o Flamengo multava o Leônidas, era para lá que Leônidas corria, para fazer queixa. E o Rio Branco ouvia as queixas de Leônidas, e tomava suas providências. O Leônidas podia ficar descansado: o Flamengo devolveria a multa,

e encarnada”, afirmando ser a inclusão desses jogadores no time “um prejuízo até do nome moral do clube”. Leonardo Pereira, op. cit.

¹⁹⁰ “Vibra a cidade dos esportes ante a expectativa”, *Jornal dos Sports*, 15 de Agosto de 1936.

¹⁹¹ *Museu de Imagem e Som do Rio de Janeiro*. Depoimentos para a posteridade – Flavio Costa (06 de setembro de 1976).

¹⁹² “Domingos já é rubro-negro”, *Jornal dos Sports*, 1 de Agosto de 1936.

¹⁹³ “Domingos não foi feliz”, *Jornal dos Sports*, 18 de Agosto de 1936.

¹⁹⁴ “Seis jogadores do Flamengo receberam escudos”, *Jornal dos Sports*, 3 de Novembro de 1936.

lhe daria uma boa gratificação ainda por cima, se ele marcasse um gol no domingo. E o que o Rio Branco dizia era o que se fazia.¹⁹⁵

Revelando seu apoio aos jogadores populares como Leônidas, a torcida ganhava voz em algumas decisões da diretoria. Infelizmente, os torcedores não tinham tanta influência quanto Mário Filho contava em suas histórias. Fausto, Ladislau e Leônidas, apesar de serem estrelas populares do futebol brasileiro e terem o apoio dos rubro-negros desde a sua chegada, foram multados diversas vezes por suas ausências e maus comportamentos¹⁹⁶. Fausto foi o que mais sofreu com a rigidez da diretoria. A “Maravilha Negra” teve vários desentendimentos com o técnico húngaro que o Flamengo contratou e com a própria diretoria, fazendo com que o jogador pedisse um “atestado liberatório”. O caso foi parar nos tribunais e o clube ganhou a causa¹⁹⁷. Consequentemente, Fausto ficou afastado dos gramados durante algum tempo demonstrando que a atitude do clube para com os seus jogadores não havia mudado tanto e que ainda se fazia necessário demarcar o distanciamento entre sócios e jogadores¹⁹⁸.

Antes mesmo das grandes medidas tomadas pela diretoria com o intuito de colocar o Flamengo como clube representante da nação, já era assim possível avistar nas arquibandas uma mudança de perfil de sua torcida gerada pela presença destes jogadores negros de prestígio em seus quadros. Nas últimas partidas do campeonato, disputadas contra o Fluminense, e que tiveram como marca registrada a “competição das torcidas”, a própria comissão julgadora quando justificava seu voto chamava a atenção para algo que sobressaía na torcida do Flamengo:

“Um coisa caracterizou a torcida do Fluminense: elegância. Foram duas torcidas magníficas – a do Flamengo maior, movimentando uma massa popular bastante mais elevada. (...) No Flamengo a torcida fôra mais popular, podendo-se dividir o estádio em duas partes: o Fluminense com a sua arquibancada social e o Flamengo com as arquibancadas e gerais”¹⁹⁹.

Aos olhos do presidente do Bonsucesso e do presidente da A.C.D. era visível a diferença entre a torcida do Fluminense e a torcida do Flamengo. Os

¹⁹⁵ RODRIGUES FILHO, Mario. *Histórias do Flamengo*. 4º ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2014.

¹⁹⁶ Leonardo Pereira, op. cit.

¹⁹⁷ “A justiça negou a Fausto o atestado liberatório”, *Jornal dos Sports*, 13 de Julho de 1937.

¹⁹⁸ “Fausto não mais podera jogar no Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 22 de Setembro de 1937.

¹⁹⁹ “Flamengo venceu a grande competição das torcidas”, *Jornal dos Sports*, 1 de Setembro de 1937.

tricolores, que ocupavam a parte mais cara do estádio, apresentavam uma característica elegante e da mais alta sociedade, enquanto o Flamengo em pouco tempo já mostrava ter aumentado o seu número de torcedores e tendo como sua principal característica a “massa popular”. Esse aumento considerável de torcedores rubro-negros se tornaria mais nítido no início do ano seguinte quando o conselho deliberativo do clube mostrava o relatório referente ao ano de 1936. Destacava-se a seção de futebol como a “peça mais importante do relatório”, que arrecadou um total de 421:000\$000 sem contar com as despesas, dando um lucro de 71:000\$000 para o clube²⁰⁰. O novo time constituído basicamente por jogadores negros chamava a atenção por seus bons resultados dentro e fora de campo. Dentro do campo o Flamengo se sagrou campeão do Torneio Aberto e vice-campeão carioca, disputado contra o Fluminense, fora de campo o time mostrava o aumento significativo na renda e na popularidade do clube, elevando a seção de futebol como a mais importante e a que mais trouxe lucro para o Flamengo²⁰¹. No relatório de 1937, a mesma notícia. Das 35 partidas disputadas o time ganhou 21, empatou 8 e perdeu apenas 6. A diretoria não poupou despesas com a seção de futebol, investindo 600:000\$000, o que demonstra a crescente importância do futebol dentro do clube, tendo mais uma vez o melhor resultado dentre as seções esportivas do Flamengo²⁰².

Tais números deixavam claro que, apesar dos esforços de sua diretoria, eram os próprios jogadores negros e mestiços que haviam garantido a mudança da imagem do clube, e não suas campanhas nacionalistas. Nem por isso, no entanto, o Flamengo deixaria de se associar à nacionalidade. Ao contrário do que pensavam seus diretores, essa associação se deu, porém, através dos próprios atletas negros – em especial aqueles que em 1938, na Copa do Mundo da França, passaram a representar o Brasil nos campos, como Domingos da Guia e Leônidas. Elogiados pela imprensa nacional e estrangeira, ambos se convertiam então em orgulhos da nação aos olhos da torcida brasileira. Por serem já capazes de unificar torcedores diversos em um mesmo entusiasmo, eles passavam a ser saudados por

²⁰⁰ “Setenta e um conto de reis o saldo da secção de futebol”, *Jornal dos Sports*, 16 de Janeiro de 1937.

²⁰¹ “Eloquente atestado de uma administração consagrada ao trabalho e ao progresso”, *Jornal dos Sports*, 17 de Janeiro de 1937.

²⁰² “Falam as cifras sobre o futebol do Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 14 de Dezembro de 1937; e “1937 foi um ano culminante na história do Flamengo”, *Jornal dos Sports*, 13 de Janeiro de 1938.

intelectuais como Freyre por sua capacidade de representar o estilo brasileiro de se jogar. Apesar de não terem sido campeões, esses jogadores voltavam como símbolos de brasilidade²⁰³, que ajudariam ainda mais a aumentar sua popularidade. Desse modo, se as ações de marketing da diretoria serviam para aproximar e difundir uma relação mais forte entre Flamengo e Brasil, seriam jogadores como Leônidas da Silva, Domingos da Guia e Fausto que conseguiriam definir para o Flamengo uma marca popular e nacional – capaz de afirmar o caminho de uma nação que, àquela altura, dava ainda seus primeiros passos.

²⁰³ Leonardo Pereira, op. cit. Ver também, Bernado Buarque de Hollanda, op. cit.

Conclusão

No dia 13 de agosto de 1937 o *Jornal dos Sports* colocava em sua primeira página e em letras garrafais a chamada para a notícia que abalaria uma grande parte dos rubro-negros: “o sr Bastos Padilha abandonará o *sport*”. A notícia colocava um ponto final em uma longa jornada que começou em 1933 e terminaria em dezembro de 1937. Padilha concedeu uma entrevista exclusiva ao jornal que tanto lhe apoiou nos últimos dois anos e sem muita demora foi direto ao assunto:

Todos sabiam de meu ponto de vista. Quando aceitei a presidência do Flamengo, em 33, aceitei-a por 6 meses e os que me convidaram anunciavam-se uma gestão fácil, sem trabalho. Encontrei o Flamengo com seis contos de rendas e tive que trabalhar sem descanso. A luta assumira tais proporções que eu não podia pensar em afastar-me.²⁰⁴

Logo em seguida, o jornalista lhe perguntava sobre o programa que havia elaborado para sua gestão e Padilha respondeu:

Eu nunca prometi nada. Nunca explanei aos meus companheiros de diretoria um programa. (...) Fiz apenas o que me foi possível fazer e acho que o que fiz da-me direito a um descanso.²⁰⁵

O ainda presidente do Flamengo parecia estar sendo sincero em sua entrevista. Durante esses longos anos de altos e baixos, Padilha demonstrou no comando do clube rubro-negro que, apesar de não ter um “programa”, sabia lidar com as situações que se apresentavam no decorrer de seu mandato. Só de pontuar que o intuito inicial era de ficar apenas 6 meses como presidente já indica que a sua permanência no clube foi algo inesperado, reafirmando a falta de um programa. Evidenciava-se, com isso, que foi no ritmo dos acontecimentos e das circunstâncias que se viu obrigado a enfrentar que Padilha daria um rumo para a sua administração.

Percebe-se, com isso, o limite da ideia de que a gestão de José Bastos Padilha seria fruto de um projeto elaborado e refletido de forma independente como uma resposta a certas demandas de sua época²⁰⁶. Por mais que tais projetos

²⁰⁴ “Não aceitará a reeleição”, *Jornal dos Sports*, 13 de Agosto de 1937.

²⁰⁵ Idem.

²⁰⁶ “Colocar o clube dentro de uma (nova) realidade era o projeto de sua gestão. Mais do que enriquecer ou melhorar o time, o projeto consistia numa nova configuração de valores que

pudessem existir, eles foram transformados e reformulados a partir das disputas travadas pelos jogadores por seus direitos, pela importância crescente da torcida devido à profissionalização do futebol, e pelo fato de o esporte ter progressivamente se transformado ao longo do governo Vargas em um elemento importante de uma nova forma de afirmação nacional. Olhar apenas para José Bastos Padilha como o sujeito responsável por afirmar o projeto de popularização do Flamengo desde o seu primeiro mandato seria, assim, ignorar esta ambiência de disputas e confrontos, de embates e lutas por direitos por parte de jogadores negros que se afirmavam profissionalmente enquanto garantiam a afirmação de uma marca diferenciada para o clube. Desse modo, se as ações da diretoria de Padilha foram importantes para a divulgação de uma ideia de clube representante da nação, os verdadeiros atores, aqueles que o público acompanhava nos estádios e que representavam o povo dentro e fora de campo por serem estrelas do futebol carioca, e principalmente por carregarem consigo a cor do povo, foram seus jogadores negros, cuja força e prestígio vieram a consolidar uma imagem popular para o Flamengo.

Bibliografia

COUTINHO, Renato Soares. *Um Flamengo grande, um Brasil maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955)*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2014.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981 (1933).

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.

PARADA, Maurício. *Educando Corpos e criando a Nação: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2009.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RIBEIRO, André. *O diamante eterno: biografia de Leônidas da Silva*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

RODRIGUES FILHO, Mario. *Histórias do Flamengo*. 4^o ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2014

RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Brasil: um biografia*. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

Fontes

1 - Imprensa

Jornal dos Sports, 1933-1939

Correio da Manhã, 1933-1936

Jornal do Brasil, 1933

2 - Clube de Regatas do Flamengo

Livro de Atas n° 14 do Conselho Deliberativo do Clube de Regatas do Flamengo. 29 de Agosto de 1934.

Livro de Propostas de Contribuintes do Clube de Regatas do Flamengo – 1935.

3 - Depoimentos Orais

Museu de Imagem e Som do Rio de Janeiro. Depoimentos para a posteridade – Flavio Costa (06 de setembro de 1976).

Entrevista com ex-jogador do Flamengo, Fernandinho: Entrevistador: Paulo Cardoso Arantes Vianna, Rio de Janeiro, 19 de Outubro de 2015.